

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA**

**GABRIELE PEREIRA CARVALHO**

**A MEDIAÇÃO LITERATURA E PODER NA HISTÓRIA: considerações hermenêuticas  
na obra *Revolução dos Bichos* de George Orwell**

São Luís  
2020

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA**

**GABRIELE PEREIRA CARVALHO**

**A MEDIAÇÃO LITERATURA E PODER NA HISTÓRIA: considerações hermenêuticas  
na obra *Revolução dos Bichos* de George Orwell**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
apresentado à banca examinadora do Curso de  
Licenciatura em História da Universidade Estadual  
do Maranhão para a obtenção do título Licenciado  
em História. Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr. Francisco  
Valdério P. da S. Jr.

**São Luís- MA**

**2020**

Carvalho, Gabriele Pereira .

A mediação literatura e poder na história: considerações hermenêuticas na obra Revolução dos bichos de George Orwell / Gabriele Pereira Carvalho. – São Luís, 2020.

80 f.;

Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, 2020.

Orientador: Prof.. Dr. Francisco Valdério P. da S. Jr.

1. Historiografia. 2. Interdisciplinaridade. 3. Literatura. 4. Orwell. 5. Filosofia.I. Título.

CDU 930:821.111-3

**Elaborada por Rosiene Santos - CRB 13/837**

**GABRIELE PEREIRA CARVALHO**

**A MEDIAÇÃO LITERATURA E PODER NA HISTÓRIA: considerações hermenêuticas  
na obra *Revolução dos Bichos* de George Orwell**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Universidade Estadual do Maranhão para a obtenção do título Licenciado em História. Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr. Francisco Valdério P. da S. Jr.

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_

BANCA EXAMINADORA



---

**Prof. Dr. Francisco Valdério P. da S. Jr.**

Universidade Estadual do Maranhão



---

**1º Examinador.**



---

**2º Examinador.**

A minha amada e querida Avó, Dona Aurea Juliana. Obrigada por me ensinar sobre a vida, obrigada por me lembrar que sempre saberei voltar para “casa”, se nunca parar de “ler” pelos caminhos

## AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, gostaria de avisar que me prolongarei nesse momento, afinal de contas, eu aprendi que na vida ninguém consegue nada sem uma base e sou feliz, pois, no caminho eu construí bem mais que uma base, “nós” construímos a minha história.

Primeiramente, agradecerei a minha família *in memoriam* a minha avó, Aurea Juliana, a qual dedico esta monografia e qualquer outro escrito meu, ela foi e sempre será a minha luz, o meu grande amor e a minha inspiração, para você Dona Aurea, todo amor que existir na vida. A minha mãe Rosana da Silva, mulher guerreira, de bom coração e índole inquestionável, agradeço por todo amor e dedicação, obrigada por acreditar em meus sonhos, e por me proporcionar todas as condições para realizar os mesmos, te amo e sempre te amarei. Também, agradeço a minha querida irmã Adryelle Vitoria, garota de personalidade e delicadeza, minha motivação para continuar e alegria do meu cotidiano, obrigada, por ser a minha melhor companhia.

Gratidão também, aos meus tios: Rosangela da Silva, Roseane Pereira e Ronaldo da Silva, que sempre foram mais que tios e mais que apoiadores, são na verdade exemplos, cada um com a sua história e suas experiências, que no fim, culmina em uma grande lição de vida, eles me ensinaram a nunca desistir, obrigada pelo amor compartilhado. Aos meus primos/irmãos: Camila Pereira, Carlos Estevam Jr. e Davi Estevam. Camila, por ser a minha inspiração na vida acadêmica e como mulher que se posiciona, obrigada por ser forte. A “Jr”, homem com inocência de “criança” e uma bondade elevada, “Aquaman da vida real” obrigada por alegrar os lugares. A Davizoca, a renovação da felicidade em nossa família, te amo, obrigada por deixar a nossa vida mais agitada e com sorrisos. E, a minha cunhada de coração: Heloísa Serra, exemplo de luta, esforço e de caráter.

Retribuo também, aos meus amigos de longa data: Ana Beatriz Nogueira e família, pelo acolhimento e exemplos de persistência e amor, obrigada “Biariga”, por nossas conversas, aprendizados e “andanças pelo mundo”, espero continuar ao teu lado, e que a vida seja sempre abundante, vivemos o melhor até agora. A Isabella Cutrim, e os meus “irmãos”, Levi e Elis, pelo carinho e cuidado. A minha grande amiga, desde a infância: Izadora Almoester, amiga que literalmente me viu crescer e passou por todas as fases comigo, me ensinou a gostar de Harry Potter e sempre me escutou, obrigada por ser “lugar de conforto”, agradeço também a sua mãe, Dona Jane, que me ensinou a ler embaixo de um pé de acerola, tudo começou por ali.

A minha “sistra” Laryssa W. Macêdo e família, não existem palavras para demonstrar toda a minha gratidão por vocês. Obrigada por ser a minha irmã mais velha, pelos puxões de orelhas, pelos conselhos e pelo futebol de 5, por Estezinha e as felicidades do dia-a-dia, te amo nessa vida e em todas as outras.

As minhas amigas que trago desde o ensino médio e que por felicidade continuam: Amália Oliveira, Ana Paula Gaioso, Ana Paula Bulhões, Bia Frazão, Fernanda Costa, Henny Karollyne, Laila Brandão, Lana Castro, Nathalya Coqueiro, obrigada por cada momento vivido, com certeza o que eu sou hoje tem a ver com vocês. Ao meu querido grupo de amigas: “as largadas”, composto por: Georgianny Rachel, Ludmilla Duailibe, Nauany Rocha, Rayssa Rodrigues, Tassia Maiara e Thayane Duarte, não importando o tempo ou distância, que nossa amizade perdure como a nossa ausência de sorte no amor.

Presto minha homenagem também as pessoas que me ajudaram quando nem ao certo tinha noção do que era a vida, em um momento de desafios, eles viram em mim esperança e eu e minha mãe seremos gratas até o fim de nossas vidas. Agradeço, assim, ao médico Sebastião Porfírio; as assistentes sociais Cristina, Edmê, Lêda, Jacira; e aos meus “tios” Aida, Antonio José, Misamar e Santana.

Agradecerei agora, os amigos conquistados na graduação, primeiramente o meu grupo de sala: “Os caras de lixo”, apelido carinhosamente pensado por nós e que nunca deixaria de expor. Obrigada Déborah Rachel, a qual chamarei de amor, obrigada por ser intensidade e afago, sem você com certeza não estaria aqui. Obrigada Jennifer Pimentel, que chamarei de carinho, sem teus abraços e risadas, a caminhada teria sido bem mais triste. Ao meu amigo João Pedro Lemos, darei o nome de sabedoria: com suas palavras exatas e pensamentos sempre bem elaborados, me fez ver a vida como ela deve ser: incrível. Tranquilidade eu atribuo à Karina Campos, gratidão por ser norte em momentos adversos e por partilhar teu jeito singular de amar conosco e, por fim, mas não menos importante, Nayara Nunes, que chamarei de admiração, por tudo que és e ainda será, pelo abrigo e compaixão, por me ensinar o olhar pelo outro. Obrigada, vocês foram as melhores coisas que aconteceram na minha graduação.

Aos amigos da turma 2016.1 que me atravessaram e deixaram marcas: Antônio Pereira, Celso Junior, José de Ribamar Lemos, Laryssa Gomes, Raul Costa, Samir Barroso.

As garotas que demonstraram o afeto necessário entre mulheres: Ana Paula Mendes, Evelyn Alencar, Iasmim Furtado, Laura Garcez, Liana Amorim, Lianne Sodrê, Osmarina Duarte, Rayssa Sousa, Thais Coutinho e Yara Santos.

Aos confrades do melhor grupo de WhatsApp do mundo: Pelados da História. Agradecerei nominalmente, pois, vocês merecem os louros de serem amigos incríveis, obrigada: Adriano Negreiros, André Silva, Alan Carlos, Allyson Bruno, Carlos Lisboa, Caio Alexandre, Crystian Sousa, D30, Gugu, John, Lucas Bastos, Pedro Ribeiro, Rosivaldo e William Braga. Sem vocês, nosso clubismo e churrascos a vida não teria tanta graça.

Agradeço também a todo o corpo de funcionários do Curso de História, esses que fazem aquele prédio ter vida e distribuem carinho e amor sem pedir nada em troca, como aluna desta instituição, afirmo que são mais que trabalhadores, são amigos queridos. Obrigada: Gil, Jô,

Lucielma e “Seu Marcos”. As minhas queridas bibliotecárias: Reyjane Mendes, Rosiene Santos e Lauisa Barros, mulheres fortes, incríveis, solidárias e boas ouvintes, obrigada por nos aguentarem. A minha grande amiga “Tia Lu”, sempre prestativa e cuidadosa com todos nós, nos alimentando não apenas com comida, mas também com amor. As “tias da secretaria”: Isa, Dona Iete e Dona Roberta que mesmo não trabalhando mais nessa função, nunca será esquecida por nós. Sem vocês, aquele lindo prédio seria apenas um lindo prédio.

Agradeço aos meus professores, sempre com um olhar de admiração e desejo de ser referência como eles, especialmente: Adriana Ziere, Ana Livia, Alan Kardec, Carine Dalmas, Helidacy Corrêa, Fábio Monteiro, Henrique Borrvalho, Issac Giribel, Mariana Sulidade, Milena Galdez, Mônica Picollo, Tatiana Reis e Yuri Costa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Francisco Válderio, mestre incansável, paciente e honesto. Obrigada por essa caminhada conjunta, pelas vitórias e desafios, os ensinamentos partilhados me ajudaram não apenas a ser uma graduanda de História, mas uma pessoa que não fica em cima do muro. Agradeço por acreditar em um sonho lá em 2016 e ajudá-lo a torna-se realidade nesse momento, ter dividido essa experiência com o senhor, foi sem dúvidas um privilégio.

Reconheço a importância dos grupos de pesquisa e seus componentes durante esse percurso, obrigada NEHISLIN (Núcleo de Estudos de Historiografia e Linguagens) e ao NEAFILOS (Núcleo de Estudos Avançados em Filosofia), os conhecimentos adquiridos em tarde “infinitas” e debates com a dialética, com certeza mudaram a minha vida.

Aqui trago um espaço importante para algumas pessoas, que não só me ajudaram, mas caminharam comigo. Ao meu amigo Luan Aragão, gratidão irmão, você com certeza é mais que uma palavra pode denominar. Ao meu “Guru”, Henrique, mais que um professor, entende e partilha das minhas dores e vitórias, agradeço aos deuses por você está na minha vida e a sua família também, me sinto mais que sortuda por fazer parte da tua vida.

A Caio Alexandre, com certeza o amigo que a História me deu, temos sonhos e em todos nos incluímos. Você já é parte da minha família e a minha caminhada tem pegadas tuas ao meu lado, te amo.

A Myllena Souza, amiga incansável que não precisa estar perto para ser essencial, obrigada pelos conselhos e pelo acalanto. A Rardson Alves, obrigada pelos incentivos acadêmicos e esportivos, um grande amigo trazido pela UEMA.

A Antônio Aristides, Daniel Martins e Jádla Araujo, amizade que guardo no peito com todo amor. As famosas “Bonderes”: Amanda Caroline, Karolyne Luz, Thamyres e Nanda, fazer parte desse grupo me enche de orgulho.

Aos meus “bixos” que aceitavam minhas brincadeiras e me procuravam para qualquer situação, tenho vocês como minha responsabilidade e por isso agradecem também. Desde a turma de 2017.1 até a 2020.1, serão sempre um orgulho para mim.

Por fim, peço desculpas se no calor da emoção tenha esquecido de citar alguém, é literalmente com lágrimas nos olhos que escrevo essas palavras. Foi um desafio sem igual este que estou encerrando agora, encerrar esse ciclo me faz lembrar de toda uma trajetória, essa não possível de sintetizar em palavras. Ninguém nunca saberá o que passou por mim durante esses anos, mas faço questão que as pessoas que eu amo tenham o mínimo de noção do quão importante são para mim. Volto a dizer: minha história tem sentido porque vocês fazem parte dela, obrigada por estarem na minha caminhada.

No mais agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para o que sou hoje, a minha gratidão eu faço questão de gritar aos quatro cantos do mundo.

## RESUMO

As possibilidades de aprendizagem no campo da História sofreram grandes mudanças no último século, com renovações na Historiografia e introdução de ‘novos objetos’ de estudo, o resultado deu-se em uma ampliação de questões e problematizações sobre a própria narrativa histórica e seu lugar no mundo. Compartilhando dessas mudanças, o presente trabalho busca um diálogo entre três matrizes de conhecimento da área das Humanidades: Literatura, Filosofia e História, elucidando os quadros de mudanças no *fazer histórico* e nas relações de poder forjadas entre os sujeitos. Para tanto, parte-se do livro de George Orwell, *A revolução dos bichos*, bem como em leituras apoiadas em grandes filósofos, em particular, na hermenêutica de Paul Ricoeur.

**Palavras chaves:** Historiografia, Interdisciplinaridade, Literatura, Orwell, Filosofia.

## ABSTRACT

The possibilities of learning in the field of history have undergone great changes in the last century, with renovations in Historiography and introduction of 'new objects' of study, the result was given in an expansion of questions and problematizations about the historical narrative itself and its place in the world. Sharing these changes, the present work seeks a dialogue between three matrices of knowledge in the area of humanities: Literature, Philosophy and History, elucidating the frameworks of changes in historical making and in the power relations forged between the subjects. To this end, it is based on George Orwell's book, *Animal farm: A fairy story*, as well as readings supported by great philosophers, in particular, Paul Ricoeur's hermeneutics.

**Key words:** Historiography, Interdisciplinarity, Literature, Orwell, Philosophy.

## LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas e Técnicas;

BI – Brigadas Internacionais;

FP – Frente Popular;

GCE – Guerra Civil Espanhola;

GFV – Guerra Fria do Vietnã;

GR – Guerra do Rife;

IC – Igreja Católica;

LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação;

MC – Monarquia Constitucional;

MEC – Ministério da Educação e da Cultura;

PC – Partido Comunista;

PGC – Primeira Guerra Carlista;

PIB – Polícia Imperial Britânica;

PGG – Primeira Grande Guerra;

PM – Primeiro Ministro;

POUM – Partido Operacional de Unificação Marxista;

RF – Regime Franquista;

SGM – Segunda Guerra Mundial;

SGC – Segunda Guerra Carlista;

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviética;

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 14 |
| <b>1 DAS PUBLICAÇÕES LITERÁRIAS AOS ARTIGOS POLÍTICOS</b> .....  | 18 |
| 1.1 A Guerra Civil Espanhola: o início de uma transição do mundo bipolarizado. ....                                    | 22 |
| 1.2 Das trincheiras, surge um novo Orwell: o socialista democrático. ....  | 29 |
| <b>2 A HERMENÊUTICA RICOEURIANA: UMA PROPOSTA DE LEITURA DAS<br/>RELAÇÕES TRANSDISCIPLINARES DO CONHECIMENTO</b> ..... | 36 |
| 2.1 O estudo transdisciplinar, relação entre: literatura, história e filosofia .....                                   | 36 |
| 2.2 A hermenêutica ricoeuriana: o fio condutor da leitura da obra .....  | 41 |
| 2.3 O “círculo virtuoso”: a interpretação que muda a experiência. ....   | 47 |
| <b>3 OS “DISCURSOS”, PRODUÇÃO DE CADA TEMPO, TODO TEMPO</b> .....  | 53 |
| 3.1 Os registros, as marcas e as produções da humanidade .....   | 53 |
| 3.2 O poder e a ação: dominação e ideologia. ....  | 60 |
| 3.3 O processo de conscientização, a história que pode mudar vidas. ....   | 65 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 73 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 78 |

## INTRODUÇÃO

Apresenta-se o objeto de pesquisa: A mediação literatura e poder na história, considerações hermenêuticas na obra *A revolução dos bichos* de George Orwell. Durante o século XX, importantes acontecimentos históricos foram proporcionados: as grandes guerras, as disputas econômicas, políticas e, principalmente, as ideias. Pensar tal momento, bem como sua extensão histórica é pensar em metamorfoses. Até então, tudo bem, qual século não passa por rupturas? A História em si, é dinâmica e cheia de “surpresas”, mas, o que talvez essa “junção” de anos possa agregar de novidade é a relação que as ciências humanas constituíram entre si. Saindo um pouco do positivismo característico do período do XIX, e com as possibilidades que viriam a serem produzidas, o cenário mostrou-se favorável para novas “aventuras” no campo da história.

Entre elas, as investidas oriundas das obras literárias, por apresentarem uma série de debates interessantes, e que ajudam o campo da História a “problematizar”, especialmente, no tocante aos eventos e aos cenários, que são “representação” e produção material dos “homens”. Não demorou, para que a historiografia passasse a assimilar com maior ênfase a literatura com campo distinto do seu, mas capaz de lhe informar satisfatoriamente. Assim, era inaugurado mais um campo de discussão: o da *interdisciplinaridade*. Não é novidade que a relação entre a História, a Literatura, e até mesmo, com a Filosofia, assim como com outras áreas das ciências humanas, já advém de muito tempo, por vezes, conturbada em boa parte da sua existência.

Mas, muito frutífera noutras, pensando na formação e, ao mesmo tempo, na produção de material para o campo intelectual.<sup>1</sup> Se compreende do texto acima que, pensar, relatar, criticar e entender são ações circulantes nos estudos humanistas, e que por isso, são consideradas como características relevantes presentes nesse trabalho. Ora, a ciência, quer dizer, que o indivíduo, que a estuda e consegue desenvolver as suas metodologias, converge para uma exigência da *modernidade*: A da investigação e o da comprovação, ao mesmo tempo. No entanto, formar e materializar tais questões, são sempre relevantes desafios para os estudiosos, como um todo, e que, por isso, esses desafios serão encarados, aqui também.

Partindo dessa premissa, partilha-se as inquietações e as múltiplas possibilidades na relação cruzada vista entre a História e a Literatura apresentadas no contexto desta pesquisa. Desde Homero, essa relação pode ser observada. Pois bem, essa relação está ligada à inevitável inclinação de “contar” algo sobre os indivíduos. Sendo assim, pode-se falar que, esse século reuniu grandes

---

<sup>1</sup> “Compreender, no entanto, nada tem de uma atitude de passividade. Para fazer uma ciência, será sempre preciso duas coisas: uma realidade, mas também um homem. A realidade humana, como a do mundo físico, é enorme e variada. Uma simples fotografia, supondo mesmo que, a ideia dessa reprodução mecanicamente integral tivesse um sentido, seria ilegível. Dirão que, entre o que foi e nós, os documentos já interpõem um primeiro filtro? Sem dúvidas, eliminam, frequentemente a torto e a direito. Quase nunca, em contrapartida, organizam de acordo com as exigências de um entendimento que quer conhecer. Assim como, todo cientista, como todo cérebro que, simplesmente, percebe o historiador escolhe e tria. Em uma palavra, analisa”. (BLOCH, 2001, p. 128).

obras literárias, tanto no continente Latino Americano, quanto na Europa<sup>2</sup>. E como alguns exemplos, cita-se: “*Em busca do tempo Perdido*” (1913-1927), de Marcel Proust, “*A Montanha mágica*” (1924), de Thomas Mann, “*Admirável mundo novo*” (1932), de Aldous Huxley, “*Cem anos de solidão*” (1967), de Gabriel García Márquez, “*Grande sertão: veredas*” (1956), de Guimarães Rosa e o próprio autor da obra tratada aqui, George Orwell, já que ele tem escritos, que entraram em listas. Lembrando que, o mais famoso *1984* (1949), também, de alguma forma, “reforçou as fileiras” das leituras para diversos trabalhos de pesquisas. Contudo, todas apresentam as suas peculiaridades e as suas características, mas, não deixam de estar relacionadas com as questões sociais e culturais que cercam o homem, e que, por isso, estão sendo tratadas e expostas nesta pesquisa acadêmica. Questões essas, que variam entre a memória, a narrativa, a política, a economia, a oralidade, o mito, enfim, os simbolismos e os grandes eventos.

Com toda certeza, listas bem maiores devem existir com tantas outras obras que ainda poderão ser utilizadas. Porém, aqui fica uma pequena “amostragem”, de como a Literatura, mais uma vez, alinhou-se a História para se poder “pensar no seu tempo”. Observa-se, por um lado, então, que essa influência do momento, vem do seu próprio “tempo histórico”, por isso, pode-se levantar sumárias informações do “porquê” e do “para que?” dessas obras. De outro lado, pode ser um projeto identitário, político, econômico, cultural, em que tais obras literárias fornecem importantes traços daquilo que aconteceu na formação de uma determinada sociedade. Olhar uma obra, é o mesmo que conhecer uma cultura.

É também, o mesmo que aprender a ler as suas entrelinhas, para que possa ser bem interpretado e compreendido, é reconhecer o que e quem essa cultura quer alcançar e pretende formar. O livro, então, tido como uma rica fonte de pesquisa, demonstra-se, de maneira clara, fecunda e importante, para que haja a real construção do conhecimento das “camadas”, formadoras dos seres humanos como seres pensantes. Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar e compreender essas construções e leituras do mundo, fixando-se nos discursos de poder imputados na obra: *A revolução dos bichos*, produzida por um dos maiores romancistas do século XX, George Orwell, o qual notabilizou-se, por uma forte crítica social aos regimes autoritários tão presentes no decorrer do século passado.

Essa obra, que foi publicada em 1945, logo tornou-se um grande sucesso, em razão de ser considerada uma sátira muito bem escrita, e com isso, movimentou, não apenas o mundo literário, mas também, o universo político. Sendo assim, existem sérios tratamentos que devem ser aplicados quando se utiliza esse tipo de material nas suas possibilidades de interpretações e compreensões históricas, uma vez que, as suas potencialidades permitem conhecer caminhos diversos. Por isso, a importância de saber não apenas sobre a narrativa, mas sim, de todo o seu

---

<sup>2</sup> Nos atentamos apenas a esses polos, por uma questão ilustrativa. Sabe-se que, no Oriente e na África há outras excelentes produções”.

contexto, que envolve o próprio autor, como: As publicações, as biografias, as editoras e as circunstâncias históricas, sociais, culturais, econômicas e políticas.

É de suma importância, perceber que, a trajetória do escritor – nesse caso, George Orwell, o qual vivenciou a experiência da guerra contra o “tema”, tratado em suas obras –, promova uma leitura ampla, clara, objetiva, curiosa, estimuladora, reflexiva, interessante, dinâmica e intensa sobre tais assuntos. Eric Arthur Blair, nascido em 1903, na Índia Britânica, ficou mais conhecido como George Orwell, como já foi citado antes, ele é considerado por muitos um dos maiores romancistas do século XX. O mesmo foi um sujeito com uma vida peculiar e cheia de experiências, as quais são muito bem refletidas em suas obras. Foi além de escritor: Jornalista, ensaísta e cronista, e trabalhou em jornais durante um bom tempo da sua vida.

Por esses, e tantos outros motivos, considerava-se um socialista democrático, mas, antes de tornar-se Orwell, o mesmo viveu uma vida simples. Partindo do ofício que o seu pai detinha (trabalhava como funcionário da colônia inglesa), ele teve a oportunidade de estudar fora, para que melhor, se preparasse para a vida adulta. Além disso, ele estudou em Eton, considerada uma escola de padrões altos naquela época. Depois de formar-se, ao invés de seguir os estudos, ele voltou para a Índia, e assumiu um cargo na Polícia Imperial Britânica. Mesmo com um futuro promissor, ele não ficou por muito tempo nessa carreira, logo sentiu que, aquele não era o seu lugar e decidiu partir. Foi para Londres e depois Paris, viveu uma vida boêmia, chegando a beirar a falta de recursos para a sua sobrevivência.

Entretanto, em 1936, foi para a Espanha atuar nas frentes Republicanas contra o Regime Franquista, juntamente com a sua esposa, onde participaram de ações e lutaram pela democracia Espanhola. Nas trincheiras, Orwell, vivenciou o outro lado da guerra, o lado para além do ideológico e intelectual, foi ferido em combate, ficou com sequelas, e passou a falar bem baixinho, por conta da bala que o atingira. Mesmo sendo um republicano, ele tinha as suas críticas relacionadas ao sistema, principalmente, relacionadas aos governos e personas que se apropriaram de discursos antagônicos aos ideais defendidos. Faz sentido destacar que, passado por tal experiência, Orwell, dedicou-se a escrever sobre as questões que envolviam o totalitarismo e o autoritarismo.

Ferrenho em seus posicionamentos, não concordava muito com o “jeito” que, por exemplo, a, então, União Soviética, vinha apresentando-se, o que, posteriormente, teve reflexo, no que realizou. Sua primeira obra de notoriedade foi: *A revolução dos bichos*, um conto de fadas produzido em 1945. Além disso, foi basicamente vinculada como uma sátira em relação aos líderes da União Soviética e das atitudes dos mesmos. Além dessa obra e de *1984*, Orwell tem uma produção que engloba: *Os ensaios*, alguns artigos sobre a política e também um livro dedicado a sua experiência na Guerra Civil Espanhola, assim, com uma produção vasta e voltada para o campo da política, Orwell, escreveu obras que até hoje estão tanto no imaginário social, quanto são

revisitadas, inclusive, em momentos de crises, em que, o assunto é o totalitarismo colocado em pauta. O escritor morre precocemente em 21 de janeiro de 1950, devido ao agravamento de uma doença respiratória que se transformou em uma tuberculose. Aqui seguem algumas de suas principais obras: *Na pior em Paris e Londres* (1933); *Burnese days* (1934); *Homenagem a Catalunha* (1939); *A revolução dos bichos* (1945); *Por que escrevo* (1946), *1984* (1949).

Se faz necessário reportar que, o trabalho busca problematizar os “discursos de poder”, apresentados na narrativa estudada. Já que, para além do cenário imaginativo, a obra, *A revolução dos bichos*, é também uma produção contemporânea do recorte temporal deste trabalho: O século XX, mais especificamente nas décadas de 30 e 40, na Europa. Sobre a obra, é possível observar a sua importância e sua frequente procura, uma vez que, em seu conteúdo está exposto às críticas tão bem trabalhadas que, mesmo com um “objetivo”, a leitura de tal narrativa, consegue trazer uma reflexão social, para além do que foi proposto inicialmente pelo autor.

Quanto a isso, a leitura tem em si a capacidade tanto de deixar seu receptor “amarrado”, em seus caminhos, quanto de vivenciar o seu caráter mais criativo. Além disso, a leitura assim traz consigo a possibilidade da expressão de uma ação criativa e, por isso, pode-se encaminhar nas direções das percepções que o autor não pensou no começo da sua produção. O leitor tem, desse modo, a sua “forma” de tratar uma determinada obra a qual não pertencente a ele por questões de criação e de distribuição, mas, que com ele toma novos rumos a partir de sua leitura e de sua propagação como um receptor da mensagem.

Assim, indica-se a necessidade do diálogo entre a hermenêutica, enquanto teoria interpretativa mobilizadora, a obra *A revolução dos bichos*, de George Orwell, e o campo da História, visando a possibilidade das leituras sobre as “sociedades de controle”, e as suas falas. Com isso, busca-se também, analisar a escritura da História, através da percepção de leitura do mundo pela “palavra literária”, uma análise que facilita a compreensão do potencial imaginativo configurado na obra que, como um “rastros”, da formação sociocultural, quer pôr em relevo os recursos de composição da obra em questão, permitindo que o leitor seja mais eficaz quanto a compreensão da narrativa e, conseqüentemente, atingir uma melhor compreensão de si mesmo.

## 1. DAS PUBLICAÇÕES LITERÁRIAS AOS ARTIGOS POLÍTICOS

As publicações literárias são tão importantes quanto os artigos políticos, já que todos se complementam. De modo que possam se realizar diferentes interpretações e compreensões desses tipos de publicações. A importância de George Orwell, pseudônimo de Eric Blair, como um relevante objeto a ser estudado neste primeiro momento, tal ação servirá de duas obras a priori: *Na pior em Paris e em Londres* (1933), e *A caminho de Wigan Pier* (1937), tal metodologia será apresentada novamente, mas acompanhadas com outras obras ao longo deste capítulo, nesta monografia, pois, é partindo dos seus escritos que busca-se compreender melhor essa escrita e as suas marcas consideradas, essas tão importantes para o século XX.

Utiliza-se de leituras sobre sua vida, suas obras, suas escrituras e os seus artigos jornalísticos, buscado entender como tornou-se possível não apenas alinhar os textos a uma tendência ideológica, mas alinhar a sua vida aos seus escritos. Esse que buscava viver e escrever o que acreditava, pois sabia da sua função como “porta-voz”, mas não deixava de se posicionar. Se reconhece que esse ofício é necessariamente importante para a formação social, já que os literatos são eles também, os responsáveis por “registrar” o seu tempo.

Conhecemos o tratamento reservado por Platão aos poetas em sua *República*. No interesse da comunidade, ele os exclui do Estado. Platão tinha um alto conceito do poder da poesia. Porém, julgava-a prejudicial, supérflua numa comunidade *perfeita*, bem entendido. Desde então, a questão do direito à existência do poeta raramente tem sido colocada com essa ênfase; mas, a questão vos é mais ou menos familiar sob a forma do problema da autonomia do autor: sua liberdade de escrever o que quiser. Em vossa opinião, a situação social contemporânea o força a decidir a favor de sua causa colocará sua atividade (BEIJAMIN, 1987, p. 120).

A ação do escritor/autor está então ligada às problemáticas apresentadas pela sociedade e a sua relação com a liberdade de produção. É sabido que, nem tudo é verídico no campo literário, mas, a relação de verossimilhança<sup>3</sup> ajuda a aproximação dessa ação de escrita e construção social, refletindo na relação de como se enxerga o mundo e a si mesmo. Logo, é de tamanha importância para o entendimento geral do texto nosso autor/escritor, o exercício de compreensão relacionado a própria estrutura social que forjou o mesmo. Orwell, já é um autor amplamente estudado e debatido nos âmbitos acadêmicos<sup>4</sup> sem contar as produções relacionadas aos seus textos: São artigos,

<sup>3</sup> Algumas sugestões sobre o tema: Aristóteles com *Poética* ou Antoine Compagnon com *O demônio da teoria: literatura e senso comum*.

<sup>4</sup> Christopher Hitchens (1949-2011), foi um jornalista com ocupação nas áreas de literatura: Inglesa e americana. O mesmo também foi o responsável pelo livro *Why Orwell Matters*, traduzido em 2010, como *A vitória de Orwell*, onde faz o exercício de falar sobre a biografia do autor e também discutir como as circunstâncias temporais influenciaram o mesmo. Além disso, se tem o Lionel Trilling, professor na Universidade de Columbia (1904-1975), como mais um estudioso influenciado e comentador das obras orwellianas. Um de seus ensaios está como prefácio do livro publicado pela Companhia das Letras: *Como morrem os pobres e outros ensaios*, e faz jus a uma visão interessante da relação de Orwell e a escrita.

monografias e dissertações que estão localizadas nos mais diversos campos do conhecimento: jornalismo, literatura, economia e história.

E assim, mais uma vez, demonstra como sua escrita suscita a possibilidade de debates amplos e multidisciplinares, e isso não é segredo já que a sua obra está vinculada ao imperialismo britânico, através da sua educação cara, da sua participação em instituições do Estado<sup>5</sup>, das suas experiências de “campo” e de “guerra”. Pois, como já foi dito anteriormente, é a experiência e o papel exercido pelo escritor, que ajudam o mesmo a pensar sua realidade<sup>6</sup>. Tais informações já foram brevemente citadas na introdução dessa monografia. No presente texto foi necessário um recorte mais adequado e específico da trajetória de Orwell. “O imperialismo, pois, é fruto dessa geração continua de poder e da necessidade das nações europeias de expandir, cada vez mais, os seus domínios por motivações políticas e econômicas, o que resultaria em autoritarismo e catastróficas guerras europeias do século XX” (LEITE, 2016, p. 51).

Portanto, o recorte “eleito”, e que busca auxiliar o conhecimento de ambos está vinculado há um tempo específico de sua própria experiência escrita e vivida. É inegável que essa experiência tem como ponto de partida as frentes policiais da Birmânia (início da década de 20), Orwell, deparou-se ainda mais com as relações de classe e lutas destas, o que só veio acrescentar, ainda mais as suas ideias, as quais ele acreditava e defendia com convicção. Se na Birmânia a cultura colonial foi o seu maior incômodo, se deve reconhecer que também foram também as ações parecidas, “mazelas” e injustiças inglesas, responsáveis por seus primeiros escritos e produções.

Logo, de imediato as suas obras seriam cercadas, cada vez mais, por essas constatações de um século que observou o acirramento desses espaços de disputa, tanto do lado social, quanto do lado econômico, pois foram destaques para a formação da narrativa histórica. Pode-se pensar, então que, neste primeiro momento já estaria ali a germinar uma das características mais peculiares e visíveis da vida política de Orwell, ao mesmo tempo, foi percebido a sua auto definição como um “socialista democrata”,<sup>7</sup> definição essa, que o acompanharia durante toda a sua vida. Ganhando ênfase quando retornou da Guerra Civil Espanhola, o que era considerado como uma característica política, principalmente depois da relação vivenciada pelo mesmo nas trincheiras e front.

Orwell, ainda pensava sobre a decisão de não participação das nações republicanas na guerra contra o franquismo e como isso poderia ter mudado todo o cenário da mesma. Além disso,

---

<sup>5</sup> Orwell após terminar seus estudos, mesmo com um futuro promissor decide voltar para a Birmânia e prestar concurso para o cargo de oficial da polícia. Fica a serviço da instituição durante aproximadamente 3 anos até decidir voltar para a Europa e encaminhar a sua carreira de escritor.

<sup>6</sup> Obras como *A caminho de Wigan Pier* (1933), *Homenagem à Catalunha* (1938), são exemplares dessa escrita mais jornalística e de experiência.

<sup>7</sup> O conceito de autogestão é formulado desde o século XIX, correlacionados as ideias marxistas. Com a ideia de coletivismo aflorando, principalmente, no século XX, foi possível observar vários seguimentos sobre tal pensamento, mas, nesse momento nos atentaremos a uma apresentação mais efetiva em caráter de informação e deixaremos uma referência de dissertação – Igor Pasquini Pomini, *Revolução Espanhola: Uma análise dos processos auto gerenciais (1936-1939)*. - Onde a auto gestão é muito bem explanada. Logo, nessa situação autogestão está ligada à: Uma organização de trabalhadores que seria a responsável por gerir e partilhar tanto os ganhos como as propriedades.

sua crítica aos pensamentos ideológicos ressonantes da União Soviética, o fizeram refletir sobre como os ideais políticos podem ou não ser praticados. Tal momento de construção sócio-política será tratado no decorrer deste trabalho. Agora, o objetivo maior e fundamental, é justamente a construção de um entendimento interpretativo dessa trajetória de escritas que se mesclam com as experiências. Por isso, começa-se, tal esforço pensando na relação apresentada por suas duas primeiras produções responsáveis por sua inserção no cenário literário inglês e que trazem relatos da miséria e dificuldades passadas por George Orwell. “A mendicância ficou muito mais presente em seus relatos quando o mesmo se dirigiu a Londres sua ‘terra natal’. Eram reflexões de como uma grande nação ainda sofria com os efeitos da Primeira Grande Guerra. ‘A Inglaterra é um país maravilhoso, quando não se é pobre’” (ORWELL, 2005, p. 119).

Por consequente,, o melhor caminho, ainda é o fazer convergir, de certa forma, a vida comum e a vida ordinária da classe trabalhadora. Sua primeira obra publicada, *Na pior, em Paris e em Londres* (1933), foi o início de uma trajetória literária-jornalística marcante no perfil orwelliano, de escrita mais realista e carregada de críticas sociais. Em *Na pior, em Paris e em Londres*, Orwell, participa de uma experiência ligada ao trabalho mais “subalterno”, como lavagem de pratos em pequenos bistrôs franceses e experiências de mendicância. É visível nas leituras advindas dessa obra, a relação que Orwell, cria com os “companheiros”, torna-se ainda mais próxima, o que é possível pensar que tal sentimento é mais progressista.

Faz sentido dizer que, esse sentimento, é reconhecido como um sentimento habitualmente expresso em seus textos, por isso, reforça-se ainda mais, se o mesmo já havia abandonado uma carreira “confortável”, por não concordar com o tratamento que terceiros recebiam, agora, ao deparar-se na situação em que um dia abominou o faz refletir sobre como tais relações são importantes e se reforçam, cada vez mais. “Ajudei um vendedor ambulante a levantar um carrinho que tinha deixado cair. ‘Obrigada, companheiro’, agradeceu rosnando. Nunca na minha vida eu tinha sido chamado de companheiro antes ...” (ORWELL, 2005, p. 121). Todavia, de uma forma peculiar George Orwell, começa não apenas a trilhar um caminho ligado as causas sociais.

O escritor burguês, que produz obras destinadas à diversão, não reconhece essa alternativa. Vós lhe demonstramos que, sem o admitir, ele trabalha a serviço da certos interesses de classe. O escritor progressista conhece essa alternativa. Sua decisão, se dá no campo da luta de classes, na qual se coloca ao lado do proletariado. É o fim da sua autonomia. Sua atividade é orientada em função do que for útil ao proletariado, na luta de classes. Costuma -se dizer que, ele obedece a uma tendência (BENJAMIN, 1987, p. 120).

Mas, dá para entender, que essas causas sociais, pelas quais ele lutava e acreditava severamente, serviriam também para iniciar a sua vida como escritor no mundo dos escritores britânicos, mas, também, ao mesmo tempo, ele aproveitou para usar desse seu viés político como uma bandeira adquirida da sua própria escrita. Mas, à frente, é importante apontar ou apresentar

mais exemplos dessa produção tão valiosa. Primeiramente, o livro antecessor a sua ida a Guerra Civil Espanhola, posteriormente, a produção advinda dessa experiência e alguns artigos jornalísticos, também produtos desse momento vivenciado pelo autor. De toda forma, pensa-se então, como a escritura orwelliana, alcança uma tendência exportada certa vez, por Walter Benjamin:

Por vezes, até mesmo, está escrito que o seu posicionamento político foi posto em xeque, e “revisitado” em decorrência das suas diversas posições político-ideológicas, entretanto é visível a relação de Orwell com os trabalhadores, com as guerras e com o poder. Ele não “tremia” em suas posições e dava mostras de como era a sua reflexão sobre os problemas sociais. “A sua obra é uma alternativa consciente de disputa a memória histórica do fato ao fazer oposição a mídia inglesa do período que reduzia simplesmente, uma luta contra o fascismo” (SANTOS, 2017, p. 122). Dessa forma, é possível observar, mesmo que, de forma sucinta a relação desse primeiro escrito-jornalístico de George Orwell, com as causas sociais.

Essa relação existente com a camada dos trabalhadores, que nada mais foram, que as dificuldades de sobrevivência advinda das crises até ali vivenciadas, e por fim, com a possibilidade de ter encontrado o seu caminho no mundo da escrita. É possível falar sobre um “nascimento”, de um escritor que também seria um sujeito político. Com o estudo da obra *A caminho de Wigan Pier*, Orwell, convive e produz relatos sobre a condição de vida dos mineradores onde o mesmo segue acompanhando esses trabalhadores. Na busca por entender mais sobre a classe trabalhadora, Orwell, é desafiado a registrar a vivência das carvoarias do Norte inglês, a ponto de o fazer pensar sobre a questão da indústria.

Se faz relevante ressaltar que tudo que ele pensava em relação a indústria, para ele tinha a ver com a relação sanitária e, ao mesmo tempo, com a relação dos reflexos deixados pela Primeira Grande Guerra. Produzindo, assim uma crítica feroz sobre as condições e sobre a estrutura forjada no seio da ação econômica capitalista, o autor volta a reforçar o que seu primeiro trabalho já trazia como “marca”, A inércia referente não apenas as mudanças econômicas e aos desrespeitos com a classe dos trabalhadores, mas a apatia dos intelectuais ingleses sobre tais situações, como a relação de exploração dos indivíduos e do seu trabalho. Orwell, assim pensa em sua escrita a relação de construção da própria consciência perante o seu pensamento do que “ poderia ser”.

Se faz necessário apontar que, um sujeito utilizando os seus espaços e o seu privilégio, informando sobre o que pode ou não mudar, perceber o significado do “veio a ser”, é um sujeito ativo, que utiliza dos seus espaços e os seus privilégios, mas também, se necessário esse sujeito poderá usar da sua força e da sua vontade, para querer tentar mudar a sua própria realidade (e porque não querer mudar o seu mundo?). Dessa forma, se pode perceber a voracidade do “discurso”, e da “prática”, e assim, seguir a sua vida construindo um esteiro literário repleto de possibilidades de transformações. É o que se sabe sobre os grandes textos de Orwell quando aborda

temas como a sociedades de controle, disciplina e autoritarismo em *1984 (1949)* e *A revolução dos bichos (1945)*.

Pois bem, uma dessas citadas, inclusive a obra estudada mais a fundo nessa monografia, a qual é: *A Revolução dos Bichos*, será de grande importância para o entendimento da relação social com o homem: Relação essa, a qual é realizada através dos ricos discursos e da importante consciência histórica abordada posteriormente. Entretanto, o mais urgente neste momento é elucidar a relação da construção constituída para além dessas mais famosas obras. A experiência vivida pelo autor/escritor, acaba por ser uma forma de possibilitar uma leitura sobre o tempo inserido pelo mesmo e seus desdobramentos.

Experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois, eles entrelaçam o passado e o futuro. São adequadas também para tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político (KOSELLECK, 2012, p. 308).

Discorre de forma alongada neste contexto que essa relação é tão presente nos escritos de George Orwell, e isso se faz como uma característica necessária, sumária e interessante quanto a uma pretensão de entender mais que fatos literários em si, mas, sobre a utilização desses escritos também para a abertura de um leque de possibilidades de se adquirir aquisições do conhecimento. Logo, a aproximação desses escritos e dessas experiências trazem um tom de relevância a mais para a escrita de George Orwell, demonstram que além do escritor de obras ficcionais, ele também produzia textos em que abordava problemas do cotidiano mais diretamente. Contribuindo assim, com multiplicidade de leituras sobre a sociedade.

Vale apenas ressaltar que, não há intenção de se produzir uma biografia ou algo parecido, mas sim contribuir como um estudo atualizado, no sentido de que se possa realizar uma leitura mais enriquecida e interessante do ponto de vista de uma experiência singular de um escritor que viveu intensamente o seu tempo. A metodologia seguirá como foi salientado anteriormente, só que com o acréscimo de novos livros e textos, até a chegada da obra mais profundamente escolhida para esta monografia.

### ***1.1 A Guerra Civil Espanhola: o início de uma transição do mundo bipolarizado***

A utilização desse marco histórico por si só valeria uma produção, e como é sabido produções como esta existem. Se sabe que o século XX foi marcado por grandes eventos, incluindo pandemias, como a Gripe Espanhola, crises financeiras (quebra da bolsa em 29), as Duas Grades Guerras, a Guerra Fria, a Guerra do Vietnã e outros momentos memoráveis como: a Ida do Homem à Lua e a Queda do Muro de Berlim. Porém, existe um evento que ainda divide opiniões entre os estudiosos e os especialistas: a Guerra Civil Espanhola, a qual é considerada como um marco “entre

guerras”, um “pré-estagio”, pois tanto sucederia a Primeira Guerra Mundial quanto anteciparia os conflitos da Segunda Guerra: uma luta contra as ideias liberais manipulados por estrangeiros.

Poucos conflitos nacionais foram tão “internacionais” quanto a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Militantes de todos os matizes políticos- indo da extrema direita à extrema esquerda – e que estavam espalhados por todo o mundo acabaram se envolvendo no conflito, direta ou indiretamente (POMINI, 2013, p. 12).

Pode-se perceber que tal conflito teve tamanha importância para a inauguração desse seguimento de guerras, que para além das questões materiais, tinha uma característica ideológica, principalmente por se “inaugurar” o cenário das lutas democráticas, contra o nazi- fascismo.

O combate em território espanhol desenvolveu-se não apenas como uma questão de defesa da república ou combate ao autoritarismo, ali desenhava-se um campo de disputa ideológica que, por consequência, seguiria até a queda do Muro de Berlim. Foi nesse solo, que ocorreu a abertura de uma possibilidade de “testagem”, de: métodos de guerra, de propaganda, de discursos, de armas, etc. tudo que assombraria o mundo dez (10) anos depois. Sem falar da “omissão” ético-política de algumas grandes nações ocidentais, as mesmas que também viveriam um regime fechado anos mais tarde.

Contudo, antes de aprofundar um pouco mais essas relações que levaram George Orwell a essa evento da Guerra Civil Espanhola, é preciso apresentar de forma sintética e didática uma breve exposição sobre a construção desse acontecimento. Ora, a Guerra Civil Espanhola foi iniciada no ano de 1936 e durou até o ano de 1939. Teve, entre suas motivações antecedentes, uma disputa muito interessante, bem antes da excitação entre as franquistas/falangistas versus republicanos/socialistas, uma vez que, já existia um antagonismo, no que refere as relações de disputa em território espanhol. Durante o século XIX, a Espanha sofreu duros golpes, como: as derrotas em confrontos marítimos, as guerras napoleônicas e também a libertação das colônias, como por exemplo as da América Latina, além da mesma, ainda está muito ligada a dependência de uma economia agrária.

Fernando VII, morre em meados de 1833, dando assim, o estopim, para que o, então, sistema monárquico absolutista entrasse em colapso. Nessa altura, uma guerra seria instaurada, a chamada: “I Guerra Carlista”, com duração de sete (7) anos e como resposta positiva teve a vitória da frente liberal. Sim, a disposição para a manutenção do conflito, que vale ressaltar, se manterá até a Guerra Civil Espanhola conforme quadro abaixo:

#### DISPOSIÇÃO POLITICA NA I GUERRA CARLISTAS

|          |                        |
|----------|------------------------|
| LIBERAIS | CARLISTAS/TRADICIONAIS |
|----------|------------------------|

|  |  |
|--|--|
| Tinham a questão da economia livre, nova disposição do Estado e as ideias humanistas também se faziam presentes. | Próxima da Igreja Católica, com as suas ideias e prezavam pela manutenção de uma monarquia absolutista, com o lema: “Deus, pátria e rei” |
|--|--|

Quadro 1.

A disputar desse território de poder, mesmo com a vitória liberal, não foi encerrada e em 1872 iniciava-se a II Guerra Carlista com duração de quatro (4) anos. Entretanto, ambas as partes concordaram em uma coroação de Alfonso XII, o que significou na prática uma Monarquia Constitucional, com revezamentos entre os liberais e os carlistas na ocupação do cargo de Primeiro Ministro. Logo, mesmo com a aparente “paz”, ainda existia uma insatisfação para com tal sistema implementado, nem um lado nem o outro estavam completamente satisfeitos. Levando assim a futuros conflitos ainda ligados a essa divisão político-ideológica até a década de 30 do século XX.

No final da década de trinta do século XX, a Espanha vivia um paradoxo rural, e o intuito de industrialização, do alvorecer do capitalismo e dos ideais socialistas, dos regimes liberais e da ameaça da ditadura militar, assim como, do feudalismo anacrônico e da modernização, bem como, as ideias contra a ameaça da instauração de uma ditadura que obscureceria o país (SANTOS, 2017, p. 121).

Todos esses fatores, as guerras e eventos importantes citados anteriormente, apenas deixaram os nervos ainda mais aflorados nas relações políticas circulantes no território da Espanha. Agora, mais do que nunca, os antagonistas defendiam as suas bandeiras e acercavam-se de outro momento de embate. Enquanto os liberais aproximavam-se de uma ideia anarquista conjunta com a republicana, os tradicionais agora tinham o reforço da ala militar, dado que sem dúvida influenciou os caminhos da história espanhola. Foi com a participação do comandante Primo de Rivera,<sup>8</sup> que o cenário passaria a ser pintado de forma diferente, utilizando-se de uma releitura do slogan da I Guerra Carlista, Primo de Rivera implementou: “Pátria, religião e monarquia”. Será esse o “cenário onde George Orwell, acaba por vincular a sua escrita. Artistas e intelectuais de diversos países acorreram à Espanha para defender a República, entre os quais George Orwell” (NAZARIO, 2009, p. 72).

Rivera foi também o responsável por organizar o movimento falangista<sup>9</sup> que instauraria um governo autoritário, o qual teve início em 1923 e seu fim em 1930. Em 1931, mesmo com um cenário muito desfavorável e quase sem esperanças os republicanos acabam por ganhar as eleições, o Movimento Popular, ganha força e um novo cenário é apresentado para a sociedade. Com a instauração de um governo republicano algumas partes do país como o País Basco, Galícia e a

<sup>8</sup> General do exército espanhol e fundador do movimento falangista, foi o responsável por encabeçar o golpe dado em 1923, sobre o Alfonso XIII.

<sup>9</sup> Grupo com teor fascista tinha seus fundamentos no tradicionalismo, clericalismo e no nacionalismo.

Catalunha, tornaram-se autônomas em 1931. Esses mesmos locais futuramente serviriam como resistência, principalmente, a Catalunha pois surgiria como um “exemplo prático” da relação da classe trabalhadora e de autogestão.

No período de 1931 a 1935 a situação política era de conturbação e sem nenhuma estabilidade, o que parecia cada vez mais viva era a possibilidade de se conviver com novos confrontos, algo que não demoraria a acontecer. Em 1936 a Frente Popular, agrupamento de vários seguimentos da esquerda, liberais e anarquistas, conseguem eleger Manuel Azanã, homem escolhido para ser o representante dessa união progressista, essa vitória não foi bem quista entre os conservadores já que “dividiam” o poder governamental. Com a eleição de Azanã a tensão política agravou-se e em contra partida, tenta-se iniciar um Golpe de Estado<sup>10</sup>, o qual foi frustrado em 18 de julho de 1936, esse mesmo golpe, foi uma tentativa resposta para o triunfo eleitoral que a esquerda obteve com a Frente Popular. Em 17 de julho os batalhões de Canárias e Marrocos<sup>11</sup> se alinham ao comando de Fernando Franco, militar responsável por dar prosseguimento a tentativa de golpe ao governo de Azanã, iniciado com o General J. Sanjurjo, mas que acaba por morrer antes mesmo da chegada das tropas em solo espanhol. Sendo assim, a “distribuição” da Guerra Civil Espanhola se construiria da seguinte forma:

#### DISTRIBUIÇÃO DA POLITICA DA GUERRA CIVIL ESPANHOLA

| ESQUERDA  | DIREITA   |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Republicanos liberais</li> <li>• Líderes Regionais</li> <li>• Anarquistas</li> <li>• Socialistas/Comunistas</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Nacionalistas</li> <li>• Falangistas</li> <li>• Carlistas Monárquicos</li> <li>• Militares</li> <li>• Franquistas</li> </ul> |

Quadro 2

#### DISTRIBUIÇÃO DA POLITICA DOS DEMAIS PAÍSES EUROPEUS

| INTERVENÇÃO PRÓ<br>REPUBLICA. | NÃO INTERVENÇÃO | INTERVENÇÃO PRÓ<br>FRANQUISMO |
|-------------------------------|-----------------|-------------------------------|
|                               |                 |                               |

<sup>10</sup> Tratou de uma conspiração contra o governo legítimo e republicano, sob o comando do General José Sanjurjo, exilado em Portugal desde 1932, mas que é o responsável por pensar e liderar esse plano. Mesmo que a figura de franco seja a mais lembrada, por questões práticas.

<sup>11</sup> Também conhecida como Guerra do Rife, em conta da sua localização, a mesma foi um confronto de tentativa de dominação espanhola em outros territórios. Já que, acabará de perder os domínios nas colônias latino-americanas (1904-1950).

- 
- |  |  |  |
|--|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• URSS</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• França</li> <li>• Reino Unido</li> <li>• Estados Unidos da América</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Alemanha</li> <li>• Itália</li> </ul> |
|--|--|--|
- 

Quadro 3.

A Espanha, claramente vivia um momento de passagem e ao mesmo tempo, de rupturas, esse momento traria novas questões para a formação social da mesma, também, serviria como uma “porta de entrada” para longos debates ideológicos circulantes durante todo o século XX. A Guerra Civil Espanhola ajuda a entender, como suas particularidades e transformações, o que o mundo viveria. Dito isso, importa a partir daqui apresentar a presença de George Orwell na guerra. Diz ele em 1937:

Quando cheguei na Espanha, e durante algum tempo depois disso, a situação política não me interessou. Mais: não tinha consciência dela. Sabia que se travava uma guerra, mas não tinha noção nenhuma da espécie de guerra de que se travava. Se me perguntassem porque me alistara na milícia, responderia: “Para lutar contra o fascismo.” E se me perguntassem a favor de que lutava, responderia: “Da simples decência.” Aceitaria a versão do *News-Chronicle-New Statesman*, segundo a qual a guerra era a defesa da civilização contra uma revolta maníaca de um exército de coronéis Blimp a soldo de Hitler (ORWELL, 1986, p. 60).

Orwell, junta-se as milícias do (POUM),<sup>12</sup> voluntariamente esses sujeitos que quase sempre vinham por intermeio do Partido Comunista e, assim, continuou com o seu objetivo maior, que era o da representação das Brigadas Internacionais<sup>13</sup>, as quais se alocavam em facções da esquerda já existentes em solo espanhol. Calhou-se por acontecer o encontro entre sujeitos de múltiplas nacionalidades que tinham como ideário maior, não apenas lutar contra a queda do governo democrático e da luta antifascista, que já ganhavam força desde a década de 30, mas ambicionavam uma “abertura de horizontes” para que o socialismo ocorresse claramente e para que a manutenção da revolução e da resistência nos corações “vermelhos” também acontecesse da mesma forma.

Esse clima daria a George Orwell o campo experimental e o pano de fundo para a escrita de mais uma obra, agora com um teor mais de “diário”, mas também de cunho memorialístico e com um teor crítico sobre as posições políticas e da imprensa. Uma vez mais Orwell se apresenta como um “sujeito político”.

---

<sup>12</sup> Partido Operário de Unificação Marxista, organização alinhada as críticas que alcançavam as facções da própria esquerda. Com um forte viés ideológico trotskista e leninista, tinham ligação com as ideias da esquerda comunista e do operariado. Para maior aprofundamento acessar a obra de Pierre Broué “*Trotsky, e a Guerra Civil Espanhola*” (1975).

<sup>13</sup> As Brigadas Internacionais, eram grupos formadas por estrangeiros ligados ao PC de seu país e que viam a luta em território espanhol como forma de luta direta contra o fascismo.

*Homenage to Catalonia* evidencia a reação inicial de Orwell ao chegar à Barcelona de finais de 1936, com o curto espaço de tempo em que a região viveu um período revolucionário em que distinções de classe tinham sido apagadas (mas é inevitável pensar aqui numa das frases mais conhecidas de *Animal Farm*, uma de suas próximas ficções: “Todos são iguais, mas alguns são mais iguais do que outros”) (GOHN, 2009, p. 220).

Trazendo assim, a relevância da obra para a própria formação política e social dele, mas também, abriu-se mais algumas portas no cenário literário: “Na esteira do sucesso com a publicação de *Animal farm*, em 1945, e *Nineteen eighty-four*, em 1949, *Homenage to Catalonia* foi traduzido em vários idiomas e tem tido uma exitosa carreira como um texto clássico sobre a Guerra Civil Espanhola.” (GOHN, 2009, p. 220).

A Catalunha, assim ficou para o imaginário de Orwell, como o “lugar que a revolução” poderia acontecer (e aconteceu de certa forma, durante um tempo). A Catalunha, foi o solo fértil mais presente no coração de um socialista democrata, essa terra fez o seu coração arder, como o coração de muitos outros combatentes. “A atmosfera revolucionaria de Barcelona atraía-me profundamente, mas eu não fizera nenhum esforço para compreender” (ORWELL, 1986, p. 60).

Como já foi afirmado anteriormente a sua análise político-ideológica não era deixada de lado, assim, segue alertando seus leitores sobre a frágil relação de uma “narrativa-pessoal” e a adoção de um lado, o que acaba por influenciar seus escritos. Em seus relatos o mesmo adiciona a questão do despreparo tecnológico, geográfico e bélico que se passava nas frentes de combate. A própria relação de “feitura” das tropas estava alinhada mais com a “consciência” que os homens presentes ali, acabaram por criar.

A disciplina “revolucionária” depende da consciência política – da compreensão do motivo por que as ordens devem ser obedecidas. Leva um tempo a difundir essa conscientização, mas também é preciso tempo para transformar um homem em autônomo, mediante exercício na parede do quartel (ORWELL, 1986, p.37).

Com tais contribuições de experiência, George Orwell aproximava ainda mais o seu livro não apenas de um relato, mas de uma obra valorosa para o entendimento da própria formação política daqueles indivíduos, incluindo a sua. Um momento de muita importância nessa construção de consciência foi a sua participação nas frentes como ocorreu em Huesca e Aragão. Afastar-se de Barcelona, do cenário mais latente, já que a revolução o fez enxergar novamente a real relação antes já expostas em seus livros, essa relação foi realizada com uma classe, que agora era um hibridismo de trabalhadores/soldados.

“Alistara-me na milícia para combater o fascismo, e por enquanto, mal combatera, ainda, existira apenas como espécie de objeto passivo, limitara-me a passar frio e a dormir pouco em troca das rações que recebia” (ORWELL, 1986, p. 125). Os diversos tipos de experiência, até aqui vivenciados por Orwell, dão uma perspectiva de como a própria formação desse confronto e,

principalmente, da Europa passava por um paradoxo, o autor endossaria tal pensamento. “Eu tinha ido parar, mais ou menos por acaso, à única comunidade, de tamanho aceitável, da Europa Ocidental onde a consciência política e a descrença no capitalismo eram mais normais que o oposto” (ORWELL, 1986, p. 126).

Mesmo com a crítica feita por Orwell a URSS<sup>14</sup> de Stalin<sup>15</sup> e seus desentendimentos, principalmente relacionado as atitudes de cooperação para com os espanhóis, ele enxergava ali o exemplo prático do que era pregado entre as esquerdas.

Em teoria, era uma igualdade perfeita, e até mesmo na prática não andava muito longe disso. Em certo sentido, seria verdade dizer que estávamos a ter um antegosto de socialismo – quero dizer com isto que a atmosfera mental prevalecente era a do socialismo. Muitas das motivações normais de vida civilizada – pedantismo, ganhar dinheiro, medo do patrão, etc. – tinham, simplesmente, deixado de existir. A comum divisão de classes da sociedade também desaparecera numa extensão que seria quase inconcebível no ar conspurcado pelo dinheiro na Inglaterra; ali só estavam os camponeses e nós, e ninguém era patrão de ninguém. Claro que semelhante estado de coisas não podia durar. Tratou-se apenas de uma fase temporária e local do enorme jogo que se disputa em toda face da Terra. Mas durou tempo suficiente para produzir os seus efeitos sobre todos quantos participaram na experiência (ORWELL, 1986. p. 126).

E o autor continua:

O que atrai os homens comuns para o socialismo e os leva a arriscar a pele por ele, a “mística” do socialismo, é a ideia da igualdade; para a imensa maioria das pessoas o socialismo ou significa uma sociedade sem classes, ou então não significa nada. E foi nesse aspecto que os poucos meses passados na milícia foram valiosos para mim. E foram porque as milícias espanholas, enquanto duraram, constituíram uma espécie de microcosmo de uma sociedade sem classes. Nessa comunidade onde ninguém pensava em sua promoção própria, onde tudo faltava mas não existiam privilégios nem bajulações, tivemos, talvez, uma amostra rudimentar de como poderiam ser as fases preliminares do socialismo. E no fim das contas, em vez de me sentir decepcionado senti-me profundamente atraído. O efeito que tudo isso teve em mim foi tornar mais real, mais autêntico, o meu desejo de ver o socialismo implantado. Isso talvez se tenha devido, em parte, à sorte que tive de ficar entre espanhóis, os quais, com a sua dignidade inata e o seu omnipresente matiz anarquista, seriam capazes de tornar toleráveis até mesmo as fases preliminares do socialismo, se lhes dessem ensejo disso (ORWELL, 1986, p. 127).

É possível então, perceber Orwell não apenas como um intelectual, mas como um sujeito que por dividir experiências, com outros sujeitos de diversas classes, adquiriu mais consciência tanto política, quanto coletiva. “Então, para ter capacidade política é preciso ter conhecimento de si mesmo, é preciso afirmar a si mesmo e é preciso efetuar uma dedução, quer

<sup>14</sup> Problemas esses alinhados a “participação da União Soviética nos conflitos e na autogestão já existente em território catalão e de como a mesma advogava por uma luta voltada para a vitória “na guerra”, e não pela manutenção revolucionária já imposta nesse território, um bom exemplo, sobre essa relação fica presente nas páginas 82-83, do livro *Homenagem à Catalunha* (1986).

<sup>15</sup> Futuramente tais descontentamentos serão mais uma vez colocados em xeque em outra obra, *A Revolução dos Bichos* (1945), onde críticos enxergam alusão de personagens a essa figura e os seus companheiros.

dizer, a partir desse conhecimento e dessa afirmação de si é preciso deduzir relações práticas, é preciso extrair comportamentos e ações” (AVELINO, 2006, p. 194).

### ***1.2 Das trincheiras, surge um novo Orwell: o socialista democrático***

Chega-se a mais um momento de mudanças na estrutura política e social para Orwell, como foi proposto até aqui neste capítulo. Foi possível observar os pontos cruciais das passagens de formação literária e da política para ele. Tratar da sua experiência como pessoa, e de como esta ajuda posteriormente a entender toda complexidade do exercício de interpretação dos discursos, da sua capacidade de persuasão e de como os mesmos são escritos lidos na História. Contudo, antes de se chegar nesse ponto, continua-se demonstrando com mais alguns trechos de *Homenagem à Catalunha* e *Como morrem os pobres e outros ensaios*.

Dando continuidade, pode-se afirmar que, depois de sua experiência na Espanha, mas principalmente nas frentes anarquistas, a sua percepção foi “iniciada” em outros tipos de possibilidades de revolução. “É tão diferente do resto da minha vida, que já tem aquela qualidade mágica que, geralmente, pertence apenas a recordações com os anos de existência” (ORWELL, 1986, p. 127). Assim, ainda é possível apresentar mais algumas questões recorrentes nos textos orwellianos, com mais afinco. Futuramente esse mesmo exercício de revisitar os escritos, ajuda-o a compreender e guiar as suas decisões perante os eventos que se apresentam para ele, exemplo: a Segunda Guerra Mundial. Demonstrando o amadurecimento tanto dos pensamentos, como das críticas por ele feitas. “De fato, *Homenagem à Catalunha*, assim como outros dois conhecidos textos de Orwell – *Revolução dos Bichos* e *1984* – representam uma ameaça à manutenção das estruturas do Estado, sejam elas comunistas ou liberais” (MARTIN, 2005, p. 42).

Dessa forma, vale ressaltar como os acontecimentos no território espanhol continuaram a ser problemáticos. É possível identificar não apenas a “luta contra o fascismo”, ou a “luta contra o franquismo”, nesse momento já é possível observar também a existência da relação interna dos republicanos com o resto do mundo.

Os enfrentamentos bélicos relativos à Guerra Civil Espanhola ocorreram entre 1936 e 1939, mas as tensões ideológicas que conformam esse fato se deram num período bem mais amplo ao circunscrito pelos anos da guerra, quando se agudizam as tensões sociais construídas historicamente (MARTIN, 2005, p. 14).

Era visível, até mesmo para os que se localizavam nas batalhas, a mudança de direção dos objetivos antes estabelecidos. O “racha de partidos” e, principalmente, de “ideologias” acaba por concretizar-se e, agora, era possível também identificar as duas frentes: as Milícias e a do Exército Popular. Ligados aos comunistas e a União soviética de uma forma mais geral. Vale alertar que em um primeiro momento as milícias foram incorporadas a esse exército, mas, com

diferenciações, e, por isso, chegando em certo momento de acirramento acabou-se por acontecer uma separação entre ambas e, posteriormente, a marginalização de muitas dessas milícias levando-as a clandestinidade. Porém, essa informação não será tratada aqui, nesse momento, o substancial é entender como ao fim houve uma institucionalização dessas frentes que contribuíram para uma fragilização interna.

Outro exemplo, de embates contínuos é a relação conturbada de Orwell, com os jornais estrangeiros, tanto os que tinham um teor a favor do lado republicano, quanto os pró-franquismo. As mídias foram, com toda certeza, de grande valor para a construção de um discurso: “a imprensa estrangeira antifascista tem feito um grande escarcéu, mas, como de costume, só uma parte foi ouvida” (ORWELL, 1986, p. 185).

Mas, dentre todas essas possibilidades vale também mencionar a relação das impressões do lado anarquista, essas que George Orwell fez questão de mencionar, exemplos desses são: *La Batalla* ligada ao POUM e a *Solidaridad Obrera*. Além disso, foi concebível a observação de uma materialização dessas mudanças que alcançariam o pensamento dos próprios combatentes daquela época. Se em um dado momento das lutas foi possível esquadrihar a derrota do fascismo e ao mesmo tempo da revolução, agora, mais do que nunca, surge o novo horizonte perturbador que se apresentava, pois esse tinha mais uma relação com o seguimento de “padrões anteriores” do que de uma relação de mudança concreta ou de vitória.

Mesmo assim, pode-se afirmar que exemplos interessantes estão presentes de forma abundante, especialmente, no que condiz a questão de “consciência de classe”, de acordo com tudo que até aqui já foi exposto: “assim, entende-se aqui a guerra civil como tentativa de uma revolução dos trabalhadores que, pela primeira vez na história da humanidade, esteve a um passo de deflagrar um modelo político em que os bens de produção chegariam às mãos da coletividade e não aos braços do Estado” (MARTIN, 2005, p. 28).

É de conhecimento notório de que todos esses eventos já se encaminhavam para uma derrocada, não da luta contra o fascismo travestido de restituição da moral espanhola, mas, de o encerramento de uma página muito importante tanto para o “sujeito Orwell” quanto para o desenrolar da própria Guerra Civil Espanhola. Portanto, a crise existente dentro das facções pró-republicana, juntamente com o pacto de “não intervenção” são características de uma conjuntura não muito favorável para ambos. Mesmo ainda sendo uma das questões mais caras para a própria historiografia e para a memória espanhola essas atitudes trouxeram um dano que não estavam calculados para aquele momento secundário.

A outra guerra deu-se na frente republicana. Antes mesmo de serem derrotados pelas tropas fascistas, anarquistas e comunistas matavam-se uns aos outros por divergirem não só quanto às táticas inerentes ao processo de guerra, mas antes, e principalmente, quanto aos rumos da revolução caso ela saísse vitoriosa (MARTIN, 2005, p. 21).

Contudo, a ânsia pela “governabilidade” trouxe mais embates que terminaram por demonstrar a fragilidade das ideias e das bandeiras antes unificadas por uma “classe”. No entanto, era visível o desgaste ocorrido do lado republicano, sendo que, as facções, as milícias, as ideologias, as fragmentações foram responsáveis para a ilegalidade dos anarquistas e dos seus “representantes”, como o próprio POUM. Depois, de meses e de muitos esforços em trincheiras, lutando pela democracia e, principalmente, contra as medidas autoritárias, foi na sua volta para Barcelona, lugar onde sentiu seu coração “latejar” pela revolução, que se deparou com um golpe dado pelos “seus”.

Com discrepância entre o apoio proposto pelo “único” aliado restante aos espanhóis – URSS – Orwell se depara com um cenário diferente apresentado nas trincheiras. A ajuda não era tão contundente quanto se imaginava e o posicionamento não tão ativo da União Soviética, já que a mesma preferia preservar seus interesses, isso fez com que George Orwell refletisse sua própria relação ideológica com os mesmos. “Graças ao sentimento libertário e revolucionário de mais de um milhão de anarquistas que estiveram à frente das trincheiras, guerreou-se não apenas a favor da Republica, mas principalmente pela primeira e última revolução anarquista de que se tem notícia”. (MATIN, 2005, p. 17).

Foi partindo dessa experiência anarquista que George Orwell pensou na criticidade dos movimentos políticos. Pensou também na própria relação com o comunismo, bandeira, até então, defendida pelo mesmo. Como é conhecida, a relação do lado democrata, já andava estremecida e teve mais momentos de tenção perante as divergências do Partido Comunista (guiado pelo stalinismo).

Lembrando que algumas milícias como o próprio POUM (ligados a uma vertente trotskista) “fazia parte da investida, à escala mundial, do Partido Comunista oficial contra o ‘trotskismo’, do qual se supunha que o (P.O.U.M), era o representante em Espanha” (ORWELL, 1986, p. 200). Levando assim, a uma inquietude ainda maior nessa união. Tal acirramento ideológico levou a um desgaste ainda maior e tensionou ainda mais o lado republicano. Além de lutar contra o fascismo (aparentemente desfocados dessa missão), existiam tais lutas “internas” que enfraqueceram a possibilidade de uma mudança radical. Já finalizando os seus escritos e os seus traquejos sobre a Guerra Civil Espanhola.

Orwell, chega as diversas conclusões, no mínimo polêmicas, e que seriam empregadas em outros momentos. Ele fala da real possibilidade da existência das ditaduras: “Ninguém no seu juízo perfeito acreditava que existisse alguma esperança de democracia, mesmo como a entendemos em Inglaterra ou França, num país tão dividido e esgotado como a Espanha deveria estar quando a guerra terminasse” (ORWELL, 1986, p. 212). Todavia, tais disputas chegariam a um derradeiro fim, o P.O.U.M, tornou-se ilegal em 1937 ficando muito arriscada a permanência

das pessoas ligadas a essas milícias. Há um movimento de “caça” e fuzilamento dos mesmos, Orwell, e a sua esposa não tardam a sair da Espanha, mesmo com o futuro da nação ainda incerto.

Em 1939, Franco consegue de vez a vitória, derrotando as forças democráticas que ainda resistiam em solo espanhol e instaura, assim, a sua ditadura. Todavia, é importante o entendimento desses movimentos que, ao fim ao cabo terminaram por agregar de forma material aos escritos desse autor e foi em *Homenagem à Catalunha* onde essa efetivação acontece, num dos escritos não ficcionais de George Orwell. Produção ímpar para o entendimento desse momento histórico e para as suas futuras obras.

Anti-Imperialismo, antifascista e anti-stalinismo, *Homenagem à Catalunha* denúncia ao mundo o massacre às ideias libertárias perpetrada na Espanha, tanto pelas forças nazi-fascistas que estiveram ao lado de Franco, como pelas forças soviéticas que supostamente estariam apoiando os republicanos naquela luta (MARTIN, 2005, p. 40).

Portanto, escrever tal relato é permitir um acesso a um posicionamento de crítica, mesmo que, com um direcionamento que o próprio autor reforça em seus escritos, uma vez que, ele contribui para o entendimento da luta, para o entendimento do processo de escrita e do entendimento da negação de um lugar de neutralidade em embates. Posto isso, é notório como tal relação contribuiu de forma significativa para o conceber dos escritos e também das posições assumidas por esse inglês incomodado com as artimanhas políticas, confrontos ideológicos, a perturbação social e os seus resultados práticos.

Essa fascinante narrativa, em que se pode reconhecer marcas de vários gêneros textuais, como o jornalístico, o missivista e também o literário, é fruto da experiência militante de um escritor estrangeiro que encontra em terras espanholas um chamado inadiável para a luta em favor da liberdade (MARTIN, 2005, p. 38).

Explicitando essa relação constritiva de Orwell, ainda é possível acrescentar mais impressões a essa escrita vasta e repleta de nuances. É possível notar um exame localizado no entendimento das obras mais relacionadas a “investigação jornalística” e as questões sociais do seu tempo como: *Na pior em Paris e Londres* e *A caminho de Wigan Pier*, posteriormente seguindo a mesma linha *Homenagem à Catalunha* (diferenciando-se pelo acréscimo de uma relação mais consciente e com mais discernimento sobre os fatos e fatores que o cercavam), e finalizando essa primeira parte com uma quarta concepção, a de jornalista correspondente.<sup>16</sup>

Sendo que o livro *Como morrem os pobres e outros ensaios* vem de um compilado de artigos de opinião e reportagens do correspondente Orwell. Os artigos divididos em seis sessões

<sup>16</sup> Como é sabido, trata-se de uma obra ficcional (mesmo com alusões vividas). Logo, é possível mais uma vez, notar uma área trabalhada pelo autor, porém, para esse momento do texto, a mesma não se fazia categórica na explicação.

variavam com temáticas e assuntos irreverentes, mas, sem deixar as críticas e principalmente, o olhar atento a sociedade. Passando de uma lembrança dos seus tempos mais relacionados a “miséria” já expostas em outras obras, a sua relação com a escrita e com as linguagens. Orwell, criticava muito os seus “pares” e intelectuais alegando um movimento de exclusão partindo do princípio das dificuldades que dos mesmos impõem sobre os demais seus saberes e a forma que os apresentavam.

Não deixou de falar da Inglaterra, como de costume, escreveu de forma mais livre, era visível como tais artigos deixavam seu trato estilístico ainda mais próximo do público. Traço importante a ser sublinhado em razão do exercício já proposto ao longo do texto: o de entender mais um pouco da sua visão do mundo, das escrituras e das marcas deixadas por esse indivíduo para essa literatura. Em suma trata-se de forma sintética os temas apresentados, mas guia-se o primeiro momento partindo de um dos artigos escritos por ele.

A serviço do Jornal *Manchester Evening News*, em 14 de fevereiro de 1946, Orwell, escreve: ‘*Pacifismo e progresso*’. Era de se presumir pela data como estaria o espírito e os escritos de George Orwell, o mesmo que anteriormente lutou pela democracia e acaba por ver um cenário muito pior do que o imaginado, tem em seus escritos mais uma vez o local de desague de percepções e sentimentos.

É claro que a civilização depende agora da força. Depende não somente dos canhões e aviões bombardeiros, mas também de prisões, campos de concentração e do cassete da polícia. E é bem verdade que, se as pessoas pacíficas se recusam a se defender, o efeito imediato é dar mais poder a gângsteres como Hitler e Mussolini. Mas também é verdade que o uso da força torna impossível o verdadeiro progresso. A sociedade boa é aquela que os seres humanos são iguais e em que cooperam uns com os outros de bom grado e não por medo ou compulsão econômica (ORWELL, 2011, p. 128).

Essas percepções “passeiam” especificamente em como uma guerra muda a humanidade, desde a naturalização dos “atos” aceitáveis pela condição apresentada, até a relação de domínio e força, principalmente, relacionadas as instituições.<sup>17</sup> “É óbvio que qualquer governo que não esteja disposto a usar a força ficará à mercê de outro governo, ou até mesmo de um indivíduo que seja menos escrupuloso, de tal modo que a recusa de usar a força tende simplesmente a tornar impossível a vida civilizada” (ORWELL, 2011, p. 128).

Dessa forma, o sentimento de revanchismo produzido por esse momento de combates, adentra e nutre vinganças, e mais uma vez, evidencia a força (claro, aqui pensa-se, não apenas na força física, mas na simbólica). Portanto, o “sabor amargo” na boca de reparação é quase sempre

---

<sup>17</sup> É cognoscível a relação de crítica governamental presente neste trabalho de pesquisa, muito ligado, primeiramente, a relação vivenciada na Espanha e agora durante a Segunda Guerra Mundial. A crítica aos sistemas de governo, autoritários e totalitários serão presentes daqui em diante e muito representados nas suas futuras obras, incluindo a prioritariamente estuda nesta monografia.

presente, o problema é que em sua maioria, a guerra mata quem pouco sabe os motivos reais dessa luta, sendo o Estado o maior responsável por tal ciclo. Portanto, é possível perceber a relação de força e poder mais presentes em seus textos, demonstrando a preocupação de tornar mais acessível o entendimento sobre tal assunto. Em *Homenagem à Catalunha* os comentários estavam associados a um modelo ideológico bastante claro, mas, nesse momento o conceito “governo” e autoridade podem ser aplicado a diversos sujeitos.

Claro, que Orwell, não teria abandonado o seu espírito progressista ou algo parecido, nem mesmo estava optando pela defesa de uma ideologia, como seria feito posteriormente com sua pessoa e suas obras, procurando apelar para uma propaganda panfletaria. Simplesmente, o autor, agora colocava-se num campo de discussão em que buscava alinhar os seus pensamentos a uma leitura mais dinâmica e realista. “Elas enfatizaram com razão que a sociedade atual, mesmo quando canhões estão calados, não é pacífica, e mantiveram viva a ideia – de algum modo esquecida desde a Revolução Russa – de que o objetivo do progresso é abolir a autoridade do Estado e não fortalece-la” (ORWELL, 2011, p. 130).

Logo, a questão não está relacionada a disputa e sua materialidade em si, mas, em como a consequência dessas disputas influenciaram a formação ideológica da sociedade. Perceber essas relações ajudaram o mesmo em denominações como “civilização mecânica” e “sociedade de controle”, pautadas em suas obras diversas vezes. .

Dando continuidade, emprega-se mais um escrito: *A prevenção contra a Literatura* texto publicado no *Polemic*, n 2 em janeiro de 1946. Nessa oportunidade o autor relatou a hipocrisia referente a relação de liberdade de imprensa, principalmente, quando o assunto é política.

“Para escrever com uma linguagem simples e vigorosa, é preciso pensar sem medo, e se pensarmos sem medo, não podemos ser politicamente ortodoxos” (ORWELL, 2011, p. 114). Fala-se muito das dificuldades do próprio ofício do escritor neste trabalho, pois bem, ele explicita as dificuldades passadas, também expõe as diferentes situações para que os críticos reconhecessem a sua diversificação de vida, da escrita e das suas experiências, diz nosso autor: “há quinze anos, quando alguém defendia a liberdade do intelecto, era preciso defendê-la contra conservadores, os católicos, e em certa medida – pois não eram de grande importância na Inglaterra – , os fascistas. Hoje, é preciso defendê-la contra os comunistas e simpatizantes” (ORWELL, 2011, p. 111).

Orwell continua persistente em seus escritos e além de desaprovar essas relações com seus pares, continua com uma leitura sobre o totalitarismo que já era uma realidade visível. Faz sentido retratar que o próprio George Orwell tentou, de alguma forma, especificar a sua relação com a própria literatura. “Acima de um nível bem baixo, a literatura é uma tentativa de influenciar o ponto de vista de seus contemporâneos pela narração da experiência” (ORWELL, 2011, p. 113). Então, é visível como a participação dos eventos e a sua escrita contribuíram em campos diversos e que, até hoje, trazem um traço de reflexão e memória social. Não por acaso o autor e as suas obras

foram “eleitas” como material para esta monografia. A seguir adentra-se de forma mais contundente com a problemática dos discursos e da utilização da obra *Revolução dos Bichos*, numa alternativa de leitura sobre o assunto.

## 2 A HERMENÊUTICA RICOEURIANA: UMA PROPOSTA DE LEITURA DAS RELAÇÕES TRANSDISCIPLINARES DO CONHECIMENTO

### 2.1 O estudo transdisciplinar, relação entre: literatura, história e filosofia

Por fim, chega-se à problemática norteadora desse trabalho. Apresenta-se, desse modo relacionada com a ideia de “interdisciplinaridade”.

Qualquer campo disciplinar necessariamente apresenta uma dimensão teórica – uma instância na qual começam a se constituir os conceitos que serão operacionalizados pelo campo de saber; um ambiente, por assim dizer, no qual se gesta e se atualiza um vocabulário que será comum aos praticantes; e um espaço no qual passarão a transitar os paradigmas aceitos pelo campo, as correntes teóricas de aplicação mais geral para o campo e as voltadas para uma reflexão mais específica acerca dos processos e objetos de estudo de interesse da disciplina em questão. A Teoria é aqui o repertório de “modos de ver” que se disponibiliza ao praticante de um campo, antes mesmo que ele possa lançar mão de um igualmente importante repertório de “modos de fazer” que corresponde à metodologia (BARROS, 2016, p. 202).

O conceito de “transdisciplinaridade” apresentou-se como nova possibilidade de horizonte para a continuação desse texto. Antes de mais nada, é interessante pensar na mudança teórica apresentada, querendo ou não, se sabe como as escolas e, principalmente, a tradição composta nas academias e nas suas especificidades tem valor e papel importante na escolha de como lidar com o “objeto” em questão. As tensões implicam nesse tipo de observação apresentada e nas diversas pesquisas que buscam ocupar, certo espaço na literatura, mas também, elas trazem claras possibilidades de leituras diversas como a deste trabalho.

Essas mudanças advêm dos interesses que se situam no decorrer do tempo, em relação aos saberes construídos. Seguindo ainda, por caminhos apresentados pelo autor citado anteriormente, mais uma problemática referente a tal discussão está ligada ao que é apresentado como “*coerência absoluta*”, cenário onde se localiza algo que se pode classificar da seguinte forma: O espaço favorável para as idealizações seguidas por erros de interpretação e apresentação. Isso está associado as convicções que envolvem tanto a manutenção de certos “lugares”, quanto a negação de um “saber totalizante” sobre aquilo que ali está sendo tratado.

Ao fim, ao cabo a disputa implicada neste momento é sobre a importância de se discutir e se conhecer as teorias, afinal de contas, a mesma perpassa no campo prático, mas também, está sempre se apresentando como desafio para a sua própria formação.

Encarar a teoria como doutrina ou dogma, recusar-se a aceitar aportes interessantes que tenham sido originados em outros campos teóricos, rejeitar o contato ou o diálogo com autores que se acredita serem incompatíveis com o “modo de ver” que se escolheu definitivamente e por todo o sempre, é algo equivalente a aceitar uma viseira definitiva: a lente que substituirá o verdadeiro olho do pesquisador – este que deveria sempre se conservar como um olho humano e aberto ao desafio de explorar novas paisagens – e que corre o risco de se converter, com a estagnação teórica, em “olho de vidro”, inerte e já sem

função recriadora. Uma coisa é enxergar o mundo a partir destas “lentes” que são as teorias, cada qual permitindo uma perspectiva diferenciada e colorizando o mundo de uma nova maneira; outra coisa é enxergar (não enxergar) o mundo através de um “olho de vidro”, colado definitivamente ao rosto para disfarçar a verdadeira ausência de visão (BARROS, 2016, p. 205-206).

As atuais pesquisas como a das autoras (BASTOS-HANNA, 2015), trazem como os conceitos que aproximam as áreas de conhecimento podem agregar de forma diferente e contundente. A escolha pela transdisciplinaridade tem relação com o que se pode descrever de “conexão” e de “aproximação” dos conhecimentos para a formação de um “logos”, deixando para trás o pensamento de que esse tipo de ação metodológica tinha apenas o intuito de “legitimar-se” ou hierarquizar o conhecimento com a ideia ultrapassada das “disciplinas auxiliares”.

Anotemos os constitutivos apontados nas diferentes tipologias: na interdisciplinaridade encontram-se o foco, a integração, a interação, e a combinação; na multidisciplinaridade, sobressaem-se a sequenciação, a justaposição e a coordenação; e na transdisciplinaridade, a transgressão, a exceção, a transformação. (BASTOS e HANNA, 2015, p. 205)

Parte-se de uma questão da própria narrativa que circula na História, mesmo sabendo de como essa ação é problemática e cara, trazendo para o campo de debate essa vinculação as permanências quase canônicas ou as dificuldades em agregar as novas possibilidades que sofrem com uma desconfiança desestimuladora. Abordar-se assim, as questões pontuais sobre os impasses recorrentes das áreas trazidas neste trabalho. Será exposto uma lembrança pois, querendo ou não, esses impasses veem sendo instigados de forma fluida durante todo o corpo desse texto. Pense-se, em primeiro momento sobre como a utilização de uma representação literária contribui para o debate.

Mesmo já expondo a necessidade sobre o que seria representação (nesta pesquisa alinha-se a literatura, como antes já salientado), esse olhar mais “desconfiado” tem a ver com a viabilidade metodológica de observar tal representação, não apenas como uma chance de um acesso ao passado ou da leitura sobre a própria ciência que a história produz. Partindo dessa aproximação das perspectivas da relação desejada nesse contato, o qual tem a ver com a viabilidade de uma ciência “ativa” no tocante das suas utilizações na formação social e crítica dos sujeitos. Assim fica visível como a utilização de uma visão conjunta de diversas áreas produzem entendimentos e discursos intensos no ambiente acadêmico, aplicando na realidade e na prática cotidiana, dentro em breve:

É imperativo uma larga visão histórica, uma base heurística, fundamentos hermenêuticos que indicarão que o contexto deverá se relacionar com a história intelectual e com a história socioeconômica, ao que poderíamos colaborar, acrescentando, a história cultural e os estudos culturais (BASTOS e HANNA, 2015, p. 204 -205).

E por isso, trazer e aproximar tais ciências fabricam as possibilidades, muitas vezes deixada de lado, por visões ainda presas em momentos e estruturas mais arcaicas e ligadas a outros paradigmas de pesquisa e ensino, esse exercício forja mais uma vez, a importância de seguir em caminhada conjunta entre a própria ciência em si e também na sua transcendência. Dando a real continuidade á discussão pode-se observar assim, uma aproximação com a Filosofia agora, quando no fragmento anterior cita-se a necessidade de uma História/leitura pautada em mais leituras, se observa a utilização de um conceito hermenêutico.

Esperamos da história uma certa objetividade, a objetividade que lhe é conveniente: é daí que devemos partir e não de outro termo. Ora, que esperamos nós sobre tal título? Deve a objetividade ser aqui tomada em seu sentido epistemológico estrito: é objetivo aquilo que o pensamento metódico elaborou, pôs em ordem, compreendeu, e que por essa maneira pode fazer compreender. (RICOEUR, 1968, p. 23)

Seguramente esse capítulo tem um debate partindo especificamente da utilização do autor norteador desse trabalho Paul Ricoeur, mas que teve a sua “aparição” como ferramenta quando mais uma vez se depara com esse desejo de aproximação dessas áreas. Antes de tudo, querer se aprofundar um pouco mais sobre a especificidade da hermenêutica desse autor. Apresenta-se um pouco mais da matriz filosófica nessa pesquisa e o do seu porquê. Partindo de um dos seus escritos mais famosos “*História e Verdade*” (1968), vê-se mais um momento de preocupação de um estudioso para com essa “formação” da História, num primeiro momento o mesmo trata dos tópicos relacionados a objetividade e a subjetividade da História, o que leva a uma reflexão, obviamente metodológica.

Entretanto, dimensionar essa ciência a resultados “exatos” como as demais, é no mínimo problemática. Estuda-se o passado, tem-se o mesmo com o objeto de estudo, como é sabido o homem está relacionado ao tempo e buscar um “controle” de ambos é uma tentativa fadada ao equivoco da limitação. Pois, nem um e nem outro param de mudar e se “reapresentar”. Existe uma linha tênue nessa relação de maneiras sobre a compreensão e a como será feito esse processo, ter em mente a participação do sujeito cujo o ofício é tornar essa ação possível, ajuda também a entender os próprios desafios postos ao mesmo, seja por conta do método ou da própria subjetividade.

Reconstituir um acontecimento, ou antes uma série de acontecimentos, ou uma situação, ou uma instituição, com base nos documentos, é elaborar uma conduta de objetividade de tipo próprio, mas irrecusável; pois essa reconstituição supõe que o documento seja perscrutado, obrigado a falar; que o historiador vá ao encontro de seu sentido, arremessando-lhe uma hipótese de trabalho; é uma pesquisa que simultaneamente eleva o

vestígio à dignidade de documento significativo, e eleva o próprio passado à dignidade de fato histórico (RICOEUR, 1968, p. 25-26).

Para se pensar em mudanças metodológicas é preciso refletir sobre a própria formação da mesma. Entender tal questão é ter um ponto de partida, criando assim, um diálogo entre o material apresentado pela História e como o historiador poderá ser “acessível” o que antes se colocava apenas como “dados”. Assim que, se debruça nessas colocações, se pode refletir, ainda mais sobre a importância dessa aproximação dos conhecimentos, demonstrando, assim uma relação frutífera para ambos os campos. Assim, buscou-se mais reflexões sobre tais questões, e por isso, adentra-se em mais um autor para o fortalecimento do debate.

O filósofo deve se tornar homem de ciência (e deve formar homens de ciência) para poder viver como filósofos: tudo que é deve ser imbuído de razão, formado e reformado pela razão. Não basta postular a unidade do discurso e a unidade do Ser: é preciso mostrar a possibilidade de um discurso uno que apreenda a unidade do Ser na multiplicidade daquilo que é; e só mostraremos essa possibilidade realizando-a. (WEIL, 2012, p. 55).

Compartilha-se que o discurso circula em todos os espaços, a questão da linguagem vem sendo exposta assim neste trabalho, mas, o discurso mesmo com as suas potencialidades, ainda necessita de sujeitos. “Para ser homem, o indivíduo deve, portanto, começar por se negar. Nem o que ele deseja lhe dará a certeza razoável, nem o que, na tradição de sua comunidade, ele havia tomado como garantido e indiscutível” (WEIL, 2012, p. 53). O desafio visado com a introdução da Filosofia, é partilhar dessa ação de “retirada” do próprio sujeito de um lugar de conforto e colocar o mesmo em seu lugar de confronto, isso, comunga sim, com os outros cenários aqui, que já foram apresentados.

A questão de conhecer as diversas “teorias” e os mais diversos “campos” trazidas por mais esse elo do saber, faz com que o pensamento de aproximação seja visto como o facilitador de uma construção desse sujeito singular, mas formado em uma multiplicidade de frentes sobre a sua existência. É assim, possível pensar a própria formação dessa ciência alimentada pelos homens.

Esse discurso é a obra da ciência, ou melhor: das ciências particulares que tratam dos diferentes âmbitos do ser. Isso porque o Ser, ao mesmo tempo em que é uno, é múltiplo para o homem que vive o mundo, nascido numa comunidade determinada, situada numa “civilização” particular, herdeiro de uma tradição específica (WEIL, 2012, p. 54).

Dessa forma geral, pode-se observar uma relação de proximidade no que tange a teoria, mas a própria forma de encarar a realidade. Entender a complexidade da sua formação ajuda em compreender a complexidade da formação do mundo que o abriga e o cerca, pois, a leitura está primeiramente para o “si”, mas também, para a comunidade. Por fim, emprega-se mais algumas

questões metodológicas que convém no que diz respeito, à relação do próprio refletir da “ciência história”, Historiografia. Partindo do debate instaurado durante esse trabalho (as outras linguagens, meios de interpretação, técnicas narrativas), pretende-se também observar como até mesmo, essa ciência pode e deve não apenas ser revisada, mas, sim criticada constantemente, devido a sua relevância para o contexto histórico, contemporâneo, social, político, econômico e cultural.

Já se sabe que, as chamadas “viradas Historiográficas”, também foram marcas do tão famoso “século XX”, e que trouxeram ao longo do tempo, não apenas a criticidade para o positivismo como já pode ser visto com correntes como a da Escola dos Annales, mas também, as marcas que encaminham a sociedade, como toda, para o encontro com os questionamentos sobre diversos locais “seguros”, para o “fazer histórico”. Tanto que, já foi citado anteriormente, por exemplo a participação de filósofos nesse campo de discussões. Já na segunda metade do centenário, instaurou-se, outras problemática sobre a própria questão da “prática” e da “teoria”, na formação do historiador.

Esse mesmo que, durante tempos, foi fechado em consensos técnicos e rígidos, mas, que, a pouco conseguirá outras “metodologias”. Viu-se, então, claramente, uma relação de priorização em sua própria formação. Mesmo com a relação de problematização que a Escola dos Annales e os seus apanhados metodológicos, leva a crer que, a teorização, por vezes, foi deixada em segundo plano pela “prática”, neste caso, devido a relação do historiador com o seu ofício.

Trata-se de uma espécie de vício de origem e de uma época, os anos 1920, na França, quando, e onde se sonhou a história como um tipo de ciência que hoje, nem mesmo, as ciências acreditam ser, isto é, como uma prática/técnica tão confortável no interior do Estado social moderno que dispensaria pensar nas suas condições teóricas e institucionais, tarefa que talvez, se poderia delegar a outros técnicos como sociólogos e filósofos. No entanto, há muito tempo, infelizmente, essas disciplinas abandonaram esse tipo de serviço. Uma historiografia que, espere delas o fundamento de sua consistência intelectual permanecerá na indigência quanto a sua autocompreensão (ARAÚJO, 2013, p. 35).

Logo, mais uma preocupação deste trabalho, é justamente, observar até onde uma “prática,” pode influenciar toda em uma “geração” de pares. É obvio que o intuito não é “demonizar” uma ou outra escola, muito pelo contrário, por partilhar do pensamento Interdisciplinar, e por estar enraizado em cada palavra aqui, já escrita, seria no mínimo controverso desvalidar deste sentido. Mas, a pretensão (com toda a humildade possível), é pensar o quão pode ser faltoso para o próprio “pensamento histórico”, e buscar entender a sua ontologia. Estudar tais questões não são novidades no nosso campo. Mas, poder pensar também nas diferenças como: Escrita da História – Historiografia e o estudo crítico da História e da Historiografia. Ampliam-se, cada vez mais, as possibilidades de debates, para que se possa muito mais, reconhecer a importância

dos pares, e também, para o próprio fortalecimento dessa Ciência tão atacada nos últimos tempos, mas também, tão relevante, a qual possibilita mais armas para uma luta contínua do historiador.

## 2.2 A hermenêutica ricoeuriana: o fio condutor da leitura da obra

Paul Ricoeur (1913-2005), com certeza é um dos filósofos mais presentes nos textos de historiadores, o mesmo é uma referência no que tange algumas relações conceituais de primazia em processos presentes nos estudos historiográficos. Em seu leque de abordagens é possível acessar materiais sobre: Memória, esquecimento, verdade, linguagens, interpretação etc. Reconhecido entre os seus pares e no campo acadêmico em si, seus escritos trazem também uma relação com a ética e o perdão, foram anos de dedicação com uma carreira respeitosa em grandes centros de conhecimento em sua terra natal (França), e em várias universidades pelo mundo.

Em suma, pode-se colocar como uma marca da feitura de sua escrita, dos acontecimentos em sua própria trajetória que é cercada de perdas e desafios<sup>18</sup>, mas também, de reflexões sobre as experiências e os seus desdobramentos, a fenomenologia existencial tomaria assim o lugar de destaque para os trabalhos do mesmo. Com a *Filosofia da vontade* é inaugurada conscientemente a “marca” ricoeuriana, juntamente com outros grandes nomes da Filosofia estruturalista francesa observa-se o projeto do autor tomando forma no espaço dos estudos filosóficos.

Como sugere Domenico Jervolino, o interesse pelo tema da vontade situa Ricoeur no contexto das discussões sobre a fenomenologia existencial encabeçada na França por autores como Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). Isso lhe dará condições para, posteriormente, indagar a memória a partir da fenomenologia e, igualmente, pensar a história e a historicidade a partir de uma filosofia do agir humano (NICOLAZZI, 2014, p. 10).

É razoável e perceptível a relação forjada nesse momento por Ricoeur, como foi salientado anteriormente, tal campo, será de sua atuação e trará assim, importantes leituras, não apenas sobre o pensamento filosófico, mas sobre a própria existência humana. A hermenêutica entra de forma mais vivida em meados da década de 1960, na Filosofia, esse é o seu maior campo de ação. A interpretação ocupará assim, o conceito de seus estudos e de suas reflexões, dos seus símbolos e das suas linguagens, as quais seguirão também como um caminho dos seus estudos. “Paul Ricoeur, assumiu o desafio estruturalista, mesmo sem ter incorporado todos os seus postulados, estabelecendo, assim um fértil diálogo para as definições de sua postura hermenêutica” (NICOLAZZI, 2014, p. 11). O autor é observado, assim como, um pensador multidisciplinar, que não responde apenas as questões do campo da Filosofia, mas consegue ter um olhar atento para

<sup>18</sup> Ricoeur foi oficial do exército francês, mesmo na reserva foi convocado em meados de 1939, mas logo, em 1940, foi capturado e ficou preso durante cinco (5), anos em um campo de prisioneiros.

com as outras áreas, afinal de contas, a sua característica Humanista é latente. Em seguida coloca-se algumas obras de um momento mais maduro do autor e que se pode notar toda uma empreitada para com a história.

Em meados de 1980, mesmo depois, do que alguns autores chamam de “fracasso do estruturalismo” – já que, a teoria não conseguiu o patamar de destaque esperado – Ricoeur, chega em sua ‘maturidade’ de escrita. Sendo assim, cita-se tais obras desse momento: ‘*Tempo e Narrativa*’ (1983-1985), ‘*Do tempo à ação – Ensaio de hermenêutica II*’ (1986) e ‘*A Memória, a História, o Esquecimento*’ (2000), livro esse dedicado à sua falecida esposa. É notável a gama de produções e de possibilidades proporcionada pelo mesmo para a discursão num campo diferente do seu, como já foi citado anteriormente, seus escritos estavam para uma interpretação do homem e a sua experiência, e partindo desse princípio, toma-se emprestado tais leituras.

Como por exemplo, “Paul Ricoeur, ofereceu aos historiadores, desde meados do século XX, uma importante reflexão em torno do seu ofício” (NICOLAZZI, 2014, p. 9). Ricoeur, ocupou-se também, com o “ofício” do sujeito que se propõe a estudar a História, em ‘*História e Verdade*’ (1955), o mesmo trata de assuntos de subjetividade, objetividade, o “mister do historiador” política, e por ai vai, trazendo um panorama muito interessante sobre a importância de conhecer o sujeito, e principalmente, conhecer os mais diferentes conceitos caros, para que a formação metodológica e ontológica desse e de sua ciência.

No fundo essa questão de múltiplas faces, é aquilo mesmo diante de que me achava ainda há pouco a propósito da história da filosofia: então eu me perguntava se minha memória da Humanidade – ou pelo menos êsse setor da memória pelo qual é responsável o historiador da filosofia – possuía uma unidade sistemática, através da sucessão de ‘figuras’ onde a filosofia morre e se transforma; agora eu me pergunto se êsse projeto de Humanidades a que chamamos nossa civilização tem uma unidade sistemática, através da multidão das atitudes culturais que se desenvolve e a multidão dos vínculos inter-humanos que entrecruza. Em resumo, essa questão é a da verdade da história e na história, abordada de cada vez como a dialética do Uno e do Múltiplo. (RICOEUR, 1968, p. 14).

“Afinal, o saber histórico para ele não é uma abstração teórica, mas sim uma prática empírica “fiel a sua etimologia”: Uma *historie*, que quer dizer investigação” (NICOLAZZI, 2014, p. 14). Ele se dispõe a dividir o pensamento em “história dos historiadores” e a “História da Filosofia”<sup>19</sup>, trazendo assim, o entendimento dessa complexa ação que é buscar a compreensão desse campo. Então, a História e a História da Filosofia possibilitam uma abertura da identificação e de “criação” da prática para esse projeto de aproximação, mas também, de um “entrecruzamento” dos saberes, dialeticamente falando: A formação de um “fio condutor”, como uma múltipla possibilidade de composição do “todo”. Trabalhar o “todo” como unidade, dá a capacidade de

<sup>19</sup> Vale ressaltar que tal relação é apresentada nesse trabalho desde o início, é uma matriz heurística para a feitura do mesmo com um histórico de disputas entre ambas, é obvio que tal relação é de suma importância para a formação teórica da História.

agregar os conhecimentos como humanísticos e problematizadores para o entendimento do ser humano. “Creio na eficiência da reflexão, pois creio que a grandeza do homem está na dialética do trabalho e da palavra: o dizer e o fazer, o significar e o agir então por demais misturados para que se possa estabelecer oposição profunda e duradoura entre teoria e práxis” (RICOEUR, 1968, p. 9).

Todavia, fica estabelecido essa relação entre os campos, a relação frutífera para o entendimento de como o pensamento de reflexão acaba não só por contribuir para com o ofício do historiador, mas sim, com a leitura dos sujeitos. Segundo Paul Ricoeur: “O problema que se propõe é antes de tudo um problema de metodologia que permite retomar desde os fundamentos das questões propriamente pedagógicas de coordenação das disciplinas de ensino” (RICOEUR, 1968, p. 23).

Tal preocupação tem a ver com o papel que o historiador exerce, ele é o responsável por “selecionar” e entregar o ‘inteligível’ para o coletivo, e por isso, é parte atuante no processo do que o leitor vai ‘interpretar’.

Tal expectativa envolve outra: esperamos do historiador, uma certa qualidade de *subjetividade*, não qualquer subjetividade, mas uma subjetividade que seja precisamente apropriada à objetividade que convém à história. Trata-se, pois, duma subjetividade *exigida*, exigida pela objetividade que se espera. Pressentimos, por conseguinte, que existe uma subjetividade boa e uma subjetividade má, e esperamos que se faça uma separação entre a boa e a má subjetividade, pelo próprio exercício do mister historiador. (RICOEUR, 1968, p. 24).

Implicando assim, na importância da instrução sobre tal processo, ao fim ao cabo, Ricoeur, conseqüentemente discorre sobre as possíveis conseqüências de uma aplicação dessa subjetividade. Dessa maneira, existe tal relação proposta entre Paul Ricoeur, e os entendimentos das próprias “funções” dos historiadores, e também, da função do filósofo para com a ciência da História e com o seu ofício, assim como uma efetividade:

Não é tudo: sob título de subjetividade, esperamos algo de mais grave do que a boa subjetividade do historiador; esperamos que a história seja uma história dos homens e que essa história dos homens ajude o leitor, instruído pela história dos historiadores, a edificar uma subjetividade de alta categoria, a subjetividade não só de mim mesmo, mas do homem. (RICOEUR, 1968, p. 24).

Finalizando tal reflexão com uma interessante pontuação sobre como o leitor “o mister da interpretação”, poderá acessar de forma estratégica esse conglomerado de ações e informação, ali expostas em um manuscrito:

Pois é exatamente uma subjetividade de reflexão que esperamos da leitura e da meditação das obras do historiador; êsse interêsse já não mais diz respeito ao historiador que escreve a história, mas ao leitor – e singularmente o leitor filosófico, o leitor no qual se completa, por conta própria, todo livro, toda obra (RICOEUR, 1968, p. 24).

Portanto, empreendeu-se assim um “esquema” de participação crítica responsável por uma interpretação ativa e envolvendo os vários sujeitos sociais. Logo, esse tipo de reflexão contribui para com o entendimento, e também, para o estabelecimento desse tipo de relação apresentada durante este trabalho de pesquisa. Ocupando, assim de entender também o tempo e a narrativa, Ricoeur, seguirá o conceito apresentado por um dos maiores pensadores do campo da Historiografia: Michel de Certeau, que tratará esse campo do pensamento como uma operação<sup>20</sup>. Porém, dando continuidade, assim, as propostas hermenêuticas de Ricoeur, utiliza-se tais considerações.

Por fim, o *entrecruzamento* parte de uma relação de trocas múltiplas entre a história e a ficção, demonstrando uma correspondência fomentadora caracterizada pelo termo *tempo humano*. Conjugada as especificidades de cada ramo, a História, com as questões do passado e a ficção com as possibilidades produzidas pela força da imaginação, finda nas variáveis do tempo, formando, assim do uno, os múltiplos. Fica possível nesse momento partir para a diretriz da técnica de interpretação norteadora dessa pesquisa, o que já foi citada anteriormente: a *hermenêutica*.

É sabido que sobre essa técnica – advinda há muito tempo na história ocidental de leituras de textos antigos e sagrados, dependendo da especialidade a qual está sendo utilizada –, a sua eficiência é comprovada e, por isso, tornou-se bastante acessada quando se trata de trabalho em torno de texto. Mas, a *hermenêutica*, utilizada aqui, não se serve apenas dessa finalidade mais genérica, uma vez que, a construção dessa pesquisa pressupõe a necessidade de acompanhar o que Paul Ricoeur, produz sob o nome de “leitura”. O filósofo-hermeneuta aborda no terceiro volume de seu *Tempo e narrativa*, a ideia de *mediação imperfeita*. Esse conceito advém da possibilidade da construção aberta, sem uma ‘*totalização*’ dos fatos e do campo do pensamento, levando-os a seu fim.

Tal referência acaba por beber do conceito de ‘*imperfeição*’, nesse caso, a ‘*imperfeição*’, vem com a abertura para as novas experiências, mas principalmente, da própria formação da ideia, de continuidade do pensamento. De que não está “acabado”, e como essa possibilidade traz novas possibilidades de experiências. Utilizando-se de Reinhart Koselleck, e de suas ideias de *espaço de experiência* e de *horizonte de expectativas*, Ricoeur, acaba por associar e compartilhar, para que haja uma verdadeira formação do pensamento de Koselleck, uma vez que

<sup>20</sup> Para leitura de tal conceito, acessar o livro: *A escrita da história* (1975), com o texto “Operação historiográfica”.

“a mediação aberta, inacabada, ou seja, uma rede de perspectivas cruzadas entre a expectativa do futuro, a recepção do passado, a vivência do presente, sem *Aufhebung* numa totalidade em que a razão da história e sua efetividade coincidiriam” (RICOEUR, 2010, p. 353).

Por fim, ao colocar em xeque a questão dialética do tempo e as suas variáveis, que acabam por reconfigurar-se com o entrelaçar de suas tramas, constrói-se uma ‘*unidade plural*’ das diferentes possibilidades. E é, no momento das coalisões das ideias-temporais que se torna visível a força e a intencionalidade da formação, pois, o “agir” ou o “produzir” dão sentido. Tenta-se brevemente, e de forma sucinta trazer à tona uma explanação sobre os diferentes conceitos dos espaços temporais e de como são aplicados nesta pesquisa. Em primeiro lugar se tem a questão do “*espaço de experiência*”: Pode-se aferir por “noções construídas”.

O presente da lembrança em variações das camadas e espaços ocupados por nós, a experiência vem do que já se pensava antes ter vivido e de como o mesmo ajudou a formar uma referência sobre algo. Em seguida, compreende-se o “*horizonte de expectativas*”, aqui toma-se por referência o que ainda estar por fim, mesmo com os maiores temores ou de felicidades, mas é algo vinculado ao futuro. Porém, talvez o momento de tensão desses movimentos dê-se ao encontrar o seu ponto de intercessão ou melhor de integração, que acontece com o alinhamento do ‘*tempo presente*’, o qual demonstra a possibilidade das expectativas, sem esquecer o passado, mas buscando, numa integração ou como, é conceituado numa ‘*mediação imperfeita*’, o caminho para o “afetar do homem pela História”.

Continuando com as leituras paralelas ao pensamento de Koselleck, e de como há transições nessas temporalidades, o mesmo apresenta diferentes “variações” entre o passado e o futuro. Trata-se de *tempos novos, aceleração da história, controle da história*<sup>21</sup>. Com isso, é possível continuar o pensamento sobre a relação entre os pontos de intercessão complexamente compartilhados, formadores de uma linha tênue e bastante problemáticos na “construção” da consciência histórica, a qual parte de uma leitura hermenêutica. Tais, exemplos citados e trabalhados acima mostram-se como existe uma real possibilidade de abertura de uma das “portas” para a leitura e para a interpretação, a o mesmo tempo, sobre o assunto aqui tratado.

É observável de forma mais acentuada, a questão da relação do homem e da “produção” da História. Quando é pensado nesses indícios e, principalmente, em como a humanidade coloca-se como primordial produtora da História. Nesse caso, também demonstra talvez o maior problema ou um tipo de fragilidade dessa afirmação. Para além da problemática de como é complicado olhar

---

<sup>21</sup> Não há espaço para uma leitura aprofundada sobre as obras de Koselleck, o que seria importante. No entanto, sobre os conceitos destacados é possível dizer que: o primeiro, *os tempos novos*, sustenta a ideia de mudanças, não só de tempo, mas de eras - seria o “*progresso*”; o segundo, a *aceleração da história*, transcorre pela necessidade das mudanças, porém num ritmo tão acelerado, como diz o próprio conceito, que acaba por “justificar” as mudanças ocorridas pelas atitudes e movimentações tomadas pelos homens; por fim, o caso do *controle da história*, observa-se o “fazer história” interligado ainda sobre a tutela da humanidade como produtora do mesmo (KOSELLECK, 2006).

para *si* – diante da percepção das “circunstancias” do “feito” – existe a falta de controle dos homens em diversas situações às quais acabam por “influenciar” na própria produção.

Isso significa que os homens produzem, mas não controlam tudo e todos os “envolvidos”, em tal ação. Assim, nesse primeiro momento em que o homem constrói tal ideia de que “tudo” emana de si, trazer à tona a fragilidade do ser que também é influenciável. Contrapondo o que o mesmo pensava inicialmente, ele produz, porém também serve influências que podem fugir do seu “controle”. “Só somos os agentes da história na medida em que somos seus pacientes” (RICOEUR, 2010, p. 368).

Existe assim, a questão de uma ação efetiva, no que condiz a história no homem, com as discontinuidades e as continuidades formadoras do processo interno da história. Relacionando as histórias específicas, de um pano de fundo maior: A história geral. De toda forma, essas estruturas partem de algo mais singular, para que se caracteriza por algo mais plural. Há uma formação do micro para o macro. Do individual para o coletivo e todos esses momentos são incidentes para uma efetivação da ação. É nesse próprio espaço de possíveis variações que mais uma vez, encontra-se o movimento dialético de formação da consciência histórica.

Fica assim, visível a interessante relação falada anteriormente, agora não mais vista como um “erro” ou uma lacuna que por falta de competência acabou por ficar aberta. Muito pelo contrário, são essas tais lacunas as próprias forças de “sobrevida” da produção histórica, entretanto, a variabilidade é elemento para a imersão das possibilidades.

Portanto, caso se admita que não há história que não seja constituída pelas experiências e pelas expectativas de homens que agem e sofrem, ou, ainda, que ambas as categorias tomadas conjuntamente tematizam o tempo histórico, supõe-se que a tensão entre horizonte de expectativa e espaço de experiência deve ser preservada para que continue havendo história (RICOEUR, 2010, p. 366).

O que se pensa de verdade e de fato, dessas relações, é que eles trazem consigo uma importante atitude de não transformar esses “novos conceitos” em absolutos, afinal de contas, se fizer isso, se estará fazendo apenas um meio de reforçar os pensamentos já criticados nessa pesquisa. Deixar velhas perspectivas e apenas troca-las de nomes não é seguramente deixa-las. Sendo assim, tanto o movimento dialético acontecido na produção da *mediação imperfeita*, já que um próprio movimento dialético voltado para nós é necessário, para a mudança defendida no homem, nas suas atitudes e nas experiências. Tantas vezes defendidas nesta pesquisa.

Contudo, todos esses questionamentos partem dessas matrizes teóricas apresentadas durante o percurso desta pesquisa, as quais também produzem as importantes correlações de aproximações humanas com o meio social. Mais ainda, assim, essa questão da ficção/literatura tem como objetivo maior representar o mundo do indivíduo e alargar a própria experiência histórica do homem.

### 2.3 “O círculo virtuoso”, a interpretação que muda a experiência

Dando continuidade ao texto, é compreendido, que partindo de algumas colocações de Paul Ricoeur, e possível assim, chegar em uma dimensão que contribua com o exercício de reflexão dos saberes históricos, proporcionando, assim, a construção crítica e um afloramento de uma “consciência histórica” pautada, principalmente, na aproximação e na composição da informação e da formação dos sujeitos. É de suma importância, entender que tal possibilidade advém desse entendimento, de uma interpretação ativa, partindo da hermenêutica com os “traços” apontados por Ricoeur, em seus estudos. Mas, também é entendido que durante esse processo vários outros elementos se mostram necessários na formação do que denominamos como “círculo virtuoso”. “As modalidades do agir e do pensar, como escreve Paul Ricoeur, devem ser sempre remetidas para os laços de interdependência que regulam as relações entre os indivíduos e que são moldados, de diferentes maneiras em diferentes situações, pelas estruturas do poder” (CHARTIER, 2002, p. 25).

Esse caráter é apresentado partindo da relação que Paul Ricoeur, exerce com a linguística, usando de contribuições de Saussure (1857-1913), sobre o “giro linguístico”, e partilhando desse campo como um lugar de conhecimento e independência, Ricoeur, aponta tal questão como praticáveis para uma construção crítica nas narrativas “totalizantes” dos historiadores até então. “Portanto, nos domínios da História, o giro linguístico é aplicado para qualificar uma profusa produção historiográfica que reitera o papel da linguagem na construção das identidades e do “real”, ou melhor, das realidades sociais” (SANTOS FILHO, 2017, p. 14).

De antemão vale ressaltar que, é esse o conceito trabalhado nos escritos literários apontados aqui, é com a associação dos textos literários de George Orwell, e o resultado apresentado a partir das ações desse autor para com o texto e com o leitor, ao mesmo tempo, que se aponta a possível materialização dessa “leitura”. Uma leitura não apenas para o conhecimento, mas para “sentir” e por fim ser, “sentido”. Partindo assim, dessas afirmações toca-se brevemente na relação da narrativa, a qual seria a “ferramenta” principal relacionada a interpretação. As narrativas ricoeurianas passaram por lugares bem específicos como: temporalidade, hermenêutica, sujeito e a sua própria questão da narratividade e da sua identidade também.

“No âmbito da temática da identidade narrativa, o que interessa a Ricoeur, é questionar quem é esse eu que pensa e o que significa conhece-lo” (LEVY, 2008, p. 52). E, é partindo das linguagens – que se pode considerar como início para uma narrativa por exemplo – a possibilidade da criação de um meio propício de aproximação e de aprendizado do sujeito.

interpretar. É por essa razão que Ricoeur define o âmbito de questões levantadas pela identidade narrativa como hermenêutica do si-mesmo. (LEVY, 2008, p. 53).

Deste modo, observa-se essa interação de construção do sujeito e de como o mesmo observa-se, partindo das feições da escrita e da interpretação que ele tem sobre si e sobre o mundo. Logo, por Paul Ricoeur, seguir um dos “ensinamentos” mais antigos da filosofia clássica se faz necessário para que se possa entender assim, que essa atividade vem a ser o “meio” de transformação do indivíduo. “Assim, para Ricoeur, o sujeito só pode chegar a si mesmo através da análise das próprias obras, mediante a interpretação dos sinais da sua existência, ou ainda, pela reflexão crítica sobre os seus atos e as suas expressões.” (LEVY, 2008, p. 53).

É evidente que quando se fala de uma consciência histórica e da sua importância, fala-se de uma aproximação dos sujeitos com os “eventos” que por muitas vezes são apenas considerados como um passado de “outros”, mais como um “passado morto”. Por isso, a narrativa se faz fundamental em tais diálogos, o que é intrigante que mais uma vez, discuta-se sobre o *tempo* e a sua influência. Fixa-se nesse tipo de narrativa um envolvimento com a questão do *passado*. Ora, se na história os vestígios são encontrados teoricamente com o já acontecido, na passagem do tempo da ficção a narrativa também tem como o seu ponto de partida esse passado, para as suas produções. Observa-se, claramente uma paridade nessa relação.

Os tempos verbais assumem lugar importante nessa relação constituinte entre os dois conceitos: a ficção e a História, os quais, em suma, servem para uma localização temporal necessária para alguns leitores e até alguns autores. No entanto, com o passar da construção narrativa, a mesma vai mostrando-se variável e até mutável para a sua “superação”, trazendo, aqui questões envolventes sobre a própria não linearidade do tempo e as suas significações para a construção do dia-a-dia. “O que demonstra é que os tempos verbais formam um sistema infinitamente mais complexo que a representação *linear* do tempo, à qual o autor vincula rápido demais a vivência temporal expressa em termos de presente, passado e futuro” (RICOEUR, 2010, p. 324).

Desses eventos temporais, surgem as categorias formadoras do próprio sistema sobre a escrita, e essa variação causa mudanças nessa ação. Assim, revela-se mais uma problemática apontada nos estudos: a relação e a diferença entre a “*situação de locução*” e a “*perspectiva de locução*”. Todavia, o apresentado até aqui, perpassa sobre a relação de tempo no passado simples (em francês *passé simple*), e de como esse passado simples influencia a narrativa determinando em quais moldes encaixara a diferenciação entre *narração* e *comentar*. Todo esse contexto implicando literalmente no próprio ofício do escritor. “Os acontecimentos contados numa narrativa de ficção são fatos passados para a *voz narrativa*, que podemos considerar aqui idêntica ao autor implicado,

ou seja, a um disfarce fictício do autor real. Fala uma *voz* que narra o que, *para ela*, ocorreu” (RICOEUR, 2010, p. 325).

Demonstrando assim, a utilização do tempo, não apenas como “corte cronológicos”, mas sim, como o meio de elaboração de tal escrita. O passado torna-se o primeiro lugar/local de visita para a escrita. E local também de segurança para o autor.

Mesmo assim, a ficção não “perde” toda a sua força, ela é ainda um espaço para a “liberdade”, ausente muitas vezes, nas duras regras da historiografia e, conseqüentemente, da História. Nesse sentido, ter acesso ao que Paul Ricoeur, denomina de “mundo do leitor” e “mundo da obra” é o caminho/possibilidade de exercer uma aproximação para esse movimento de mudança na estruturação do pensamento do sujeito para com si e com o que está ao seu redor.

A mudança no mundo do leitor é um efeito real produzido pela recepção do mundo irreal projetado pela obra de ficção. Nessa medida, a ficção refigura o real e, portanto, mesmo que de forma peculiar, refere-se a ele assim como a história. Não é preciso reforçar a percepção da proximidade que existe, na obra de Paul Ricoeur, entre os conceitos de self, reflexividade, via longa, temporalidade, narrativa, história, ficção. Todos eles são correlatos e se articulam entre si. Assim, a identidade narrativa situa-se na confluência de todos os conceitos e, principalmente, no cruzamento entre narrativa de ficção e a histórica (LEVY, 2008, p. 56).

Nos enxergar, é um processo muito difícil, enxergar o “todo” ou a “classe” é mais penoso ainda, logo, criar tal consciência é um desafio presente na prática diária de um cientista que comunga com as humanidades, pois é nesse espaço que poderá criar-se as “identidades”, sem elas reconhecer-se e reconhecer o mundo é mais complicado. Inicialmente foi posto essa problemática no tópico 2.3 – “Processo de conscientização, a história que pode mudar vidas”, do segundo capítulo deste trabalho, que por fim trataremos de “encerrar” nesse capítulo. Destarte, pensa-se de uma vez por todas, sobre mais uma vez, em tudo aquilo que está relacionado na questão da interpretação antes de mais nada, segundo Roger Chartier: “Tal tarefa cruza-se de maneira bastante evidente, com a da hermenêutica, quando se esforça por compreender como é um texto pode ‘aplicar-se’ à situação do leitor, por outras palavras, como é que uma configuração narrativa pode corresponder a uma refiguração da própria experiência” (2002, p. 24).

Utilizando-se mais uma vez de Chartier, e por fim, colocando assim, de forma mais clara e objetiva a cerca de uma posição do historiador onde é possível observar a utilização dessa interpretação “virtuosa” que produz no sujeito uma leitura diferenciada de si e do mundo.

É sabido como Paul Ricoeur quis construir essa teoria da leitura apoiando-se, por um lado, na fenomenologia do acto de ler; por outro, na estética da recepção. O objectivo visado era duplo: pensar efectivação do texto na sua leitura como a condição para se relevem as suas possibilidades semânticas e se opere o trabalho de refiguração da experiência,

compreender a apropriação do texto como uma mediação necessária à constituição e a compreensão de si mesmo (CHARTIER, 2002, p. 24)

Pois, se apresenta a importância dessa leitura, e principalmente, da interpretação, que colocará como uma possibilidade as diversas formas de entendimento do que foi dito, e pensado até aqui. Além deste episódio, como já foi mencionado outras vezes, a interação com historiadores se deu como realista e cheia de trocas, em seguida aponta-se algumas questões fornecidas de um grande clássico para a literatura da historiografia e que, felizmente, traz diálogos frequentes com diferentes posicionamentos, o que são vistos como pontos característicos dos pensamentos ricoeurianos.

No livro: *'A história ou a leitura do tempo'* (2010), de Roger Chartier, observou-se quem durante a sua escrita as utilizações e as aproximações dos escritos e das reflexões do filósofo Paul Ricoeur, localizados tanto no campo das construções das narrativas, relacionando os conceitos da imaginação, da ficção e da verdade, como também, a questão da “instituição histórica”, apontada por Chartier, como basicamente as ações e as atividades dos historiadores. Assunto esse debatido por Ricoeur, em *“História e verdade”* (1968), como o “Mister do historiador” ou “subjetividade e objetividade”.

Trazendo assim, mais um sinal de como os escritos conversavam e terminavam por contribuir em ambos os campos de conhecimento. Sendo assim, nada mais justo do que trazer as considerações desses pensadores para o corpo desse texto. “Atualmente, sem dúvidas mais que em 1998, os historiadores sabem que o conhecimento que produzem, não é mais que uma das modalidades da relação que as sociedades mantêm com o passado.” (CHARTIER, 2010, p. 21). Seguindo ainda, com Chartier, o mesmo faz uma aproximação dos estudos relacionados a História e a memória utilizando-se do livro *'A Memória, a história, o esquecimento'* (2000).

Onde dialoga com a perspectiva do “não relatado”, “validação” partindo do sujeito e da sua moral, para assim, compreender ou mesmo pautear esses “métodos” da História para com a consciência do sujeito. “As obras de Ficção, ao menos algumas delas e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado, às vezes ou amiúde mais poderosa do que a que estabelecem os livros de história” (CHARTIER, 2010, p.21).

Logo, é possível relacionar tais ideias e também demonstrar a materialização das mesmas em produções que buscam correlacionar-se. É importante salientar como o entendimento de representação caminha em ambos os trabalhos, tanto como possibilidade de estudo, como por “método” tal conceito apresentasse com frequência e destaque em obras de ambos os autores. Mas, seja o conteúdo da *“representância”*, apresentada por Chartier,<sup>22</sup> partindo mais uma vez, do Livro

---

<sup>22</sup>(Definida como “a capacidade do discurso histórico para representar o passado”). (CHARTIER, 2010, p.23).

citado anteriormente que agregue a “conjugação” desse tão interessante trabalho de um filósofo que partilha da História.

Seguindo com as constatações de Chartier, sobre os estudos de Ricoeur, é possível então apurar uma “relação” atribuída a uma ordem epistemológica e a um seguimento com o passado, de tal forma, em que se deve acreditar em sua forma piamente seguindo o testemunho. Essas questões nos encaminham então, para mais um momento de importantes colocações do autor Paul Ricoeur, e as suas obras. Partindo, principalmente, desses impasses expostos anteriormente, o mesmo coloca como pauta a questão do “discurso histórico” e por consequência, o saber histórico. “O saber histórico pode contribuir para dissipar as ilusões ou os desconhecimentos que durante longo tempo desorientaram as memórias coletivas” (CHARTIER, 2010, p. 24).

Tal “discurso” vinculasse nessa relação da História e da memória que são “instituições” diferentes em suas formações e contribuições, mas com uma convivência e com atribuições singulares. Trazendo à tona então, a importância dessa construção reflexiva sobre essas “instituições” do pensamento humano para com o seu passado e de que como isso pode afetar de uma forma a própria construção desse conhecimento, conhecimento esse que está ligado a interpretação ricoeuriana.

O processo de interpretação é entendido assim como uma relação dialética entre a compreensão e a explicação, nesse movimento em que o leitor dirige-se ao texto com sua pré-compreensão, e suas conjecturas na maior parte das vezes ainda não formuladas de modo explícito, e vai, na medida em que progride na leitura do texto, validando, refazendo ou simplesmente dando forma explícita às suas expectativas. (GENTIL, 2008, p. 18).

No fim, se faz necessário então fazer tal exercício, entender algumas questões para os historiadores, propor um caminho partindo dessa ótica de um outro pensador das Humanidades e perceber como as aproximações são possíveis, confirmam que a hermenêutica traçada aos moldes ricoeurianos produzem ainda mais problematizações para o campo da história e da historiografia. “Pela mediação do texto, através de sua leitura e de seu trabalho de interpretação, pelo entendimento do texto, o leitor compreenderá melhor a si mesmo e ao mundo em que vive. Da interpretação do texto o leitor receberá, ao final de tudo, uma compreensão alargada de si mesmo” (GENTIL, 2008, p. 21).

Portanto, nota-se como essa relação de técnica da interpretação que foi apresentado como uma possibilidade de uma leitura mais problemática sobre os eventos e as escritas históricas, querendo ou não, também que estão profundamente relacionadas ao próprio “fazer da história”, demonstrando que não se trata apenas de uma nova “perspectiva”. A importância da interpretação, seja do texto ou da vida, deixa evidenciado o porquê de optar por tal “método de viver”, interpretar para não ser apenas um “leitor”.

### 3 OS “DISCURSOS”, PRODUÇÃO DE CADA TEMPO, TODO TEMPO

#### 3.1 *Os registros, as marcas e as produções da humanidade*

Pensar em registro, marcas e produções, é o mesmo que se ter uma rica oportunidade de se adquirir uma infinidade problemáticas circundantes sobre a “materialização”, e de como se pode apresentar a mesma. A problemática vem de um longo debate que envolve a validação e a legitimidade do que seriam os objetos da História. Posteriormente fala-se sobre como tal questão, que já vem sendo abordada no campo da História com contundência e ocupando um espaço necessário sobre a ótica do próprio “Pensar da História”. Todavia, por uma questão didática usa-se um pouco do espaço para o exercício de compreensão sobre a relação de como mudou o “próprio” pensar dessa escrita e desses registros para com a História.

Fazendo uso de José D’ Assunção Barros em um artigo intitulado *Os Campos da História – uma introdução às especialidades da História* (2004), pensa-se um pouco mais sobre a tendência de “separação/subdivisão” das áreas no campo Historiográfico e dos seus impactos sociais. É sabido das divisões por “áreas” de assuntos no campo do conhecimento histórico: cultural, econômica, serial, quantitativa, micro história e assim por diante, demonstrando, assim essa vastidão de possibilidades de diferentes conhecimentos.

O oceano da Historiografia acha-se hoje povoado por inúmeras ilhas, cada qual com a sua flora e sua fauna particular. Ou, para utilizar uma metáfora mais atual, podemos ver a Historiografia como um vasto universo de informações percorrido por inúmeras redes, onde cada profissional encontra a sua conexão exata e particular (BARROS, 2004, p. 18).

Existem ainda, as próprias divisões dentro destas, mas, porque falar sobre isso?! A História pode ser lida como um campo de múltiplas interpretações, e também visto como o campo “silenciador”, e se pretende, aqui tratar de um modo de apresentação de problemáticas, portanto, deve-se tomar a ciência sobre as próprias praticas humanas, a Historiografia de hoje, tem em sua tendência uma compartimentação que vista a uns anos atrás, não seria associada a um problema atual. É muito emblemático perceber essas mudanças, a “hiper-especialização”, tornou-se em suma uma forma de afastamento e afetou a continuidade do processo de entendimento partindo do paradigma das Humanidades.

A especialização, de saída, é um problema antigo, que no campo do conhecimento veio acompanhada das perdas de uma cultura mais humanista, mais completa e mais complexa. Contra este problema básico da Humanidade moderna, que gera incessantemente mais e mais especialidades – todas devidamente complementadas por um crescente isolamento disciplinar - bate-se precisamente um grupo cada vez maior de pensadores que apregoa a necessidade da interdisciplinaridade e da “interligação dos saberes” (BARROS, 2004, p. 20).

Se antes se lutava, para que se pudesse ter uma compreensão complexa do mundo, partindo de vários pontos de vista e de “opiniões”, termina-se por trazer uma fragmentação gradiente na própria estrutura formadora deste campo de estudo. Assim, é evidenciado as possibilidades tanto trazidas por essa abertura de campo, e também as problemáticas apresentadas por essas mudanças. O mundo é formado de múltiplas capacidades, para que a sua própria constituição, e isso, faz com que o homem as negue, é por consequência negar, assim mesmo. Entender essas mudanças agregam na visão proposta nesse momento, é entender, ao mesmo tempo, que querendo ou não, as mesmas são também resultados das próprias variações humanas na esfera da produção do próprio conhecimento histórico e social, é principalmente, tentar fazer um exercício crítico para com essas transformações.

Todas as dimensões da realidade social interagem, ou rigorosamente sequer existem como dimensões separadas. Mas o ser humano, em sua ânsia de melhor compreender o mundo, acaba sendo obrigado a proceder a recortes e a operações simplificadas, e é neste sentido que devem ser considerados os compartilhamentos que foram criados pelos próprios historiadores para enquadrar os seus vários tipos de estudos históricos (BARROS, 2004, p. 22).

Utilizando dessas ideias, o que por fim, se quer é “argumentar”, é que dentro do próprio processo de possibilidades de “construção do objeto” que servirá para a escrita, o registro e as “marcas” da produção humana existe em uma complexa relação. Faz sentido acrescentar que, a escolha seguinte do trabalho está pautada nessa conformidade das mudanças que o campo da história vê possibilitando, mas, sem esquecer das suas problemáticas e dos seus acréscimos. Sendo assim, partindo desse “aviso”, constrói-se uma rica contribuição pautada no Humanismo e na sua multiplicidade. O historiador, ou quem se propõe a esse tipo de produção nos dias atuais, já consegue de várias formas fazer “registros” do que foi estudado, produzido ou apreendido em suas pesquisas.

Compreender, ao mesmo tempo, como as representações e os discursos constroem as relações de dominação e como eles próprios dependem dos recursos desiguais e dos interesses contrários que separam aqueles cuja potência legitimam daqueles ou daquelas cuja submissão asseguram (ou devem assegurar) (CHARTIER, 2010, p. 51).

Mas, durante um bom tempo essa prática de registrar, estava ligada as outras alternativas, como a da oralidade, por exemplo. Mas, com o surgimento da escrita e, principalmente, com a “oficialização” de tal método, acarretou-se em um fortalecimento da mesma

e de não apenas um lugar de destaque, mas, de legitimidade das questões “científicas”<sup>23</sup>. As representações estão para a história como estão para as possibilidades de ocupar e ajudar os indivíduos e, ao mesmo tempo, praticar aquilo que se pode chamar de trabalho coletivo, com o intuito de se contemplar ou preencher as lacunas, e, é com a “história escrita”, que tal característica ganha ainda mais força, cada vez mais. Se destaca que, o “registro”, o “vestígio”, a “pegada”, o “indício”<sup>24</sup>, pois tudo isso, são expressões e conceitos bastante comuns, ou seja, conhecidos nesse cenário de utilização dos escritos. Foi “criado” (acordado), a necessidade então, de uma materialização que partisse desses fios condutores documentais, para que, assim se possa produzir ou deixar “inteligível” algumas das questões humanas.

Em suma, houve a “necessidade” de um caminho para dar início a “trajetória” dessas formações e informações constitutivas dos homens e, conforme dito anteriormente, a escrita foi tida como “fundamental”. Utilizando de um fenômeno da escrita, como possibilidade de condução da leitura, a literatura em si, é uma das formas de registro escrito mais expressivo e consagrado. Dessa maneira, sugere-se que, se entenda um pouco mais sobre essa tal cultura escrita antes de dar continuidade nas ações do texto. Anterior ao papel e a caneta, foi a voz que ocupou a centralidade da comunicação hoje, ligada à escrita. É fundamental deixar claro que, antes de se ler e de se escolher os livros preferidos se deve buscar entender aquele “monte” de símbolos, letras e frases, que indicam mundos, que já é conhecido através da história pela “boca” de alguém.

Aconteceu entre os povos antigos como os gregos e os seus mitos, no medievo com trovadorismo e, ainda hoje, com qualquer um que queira sentar e escutar um “velho”. As palavras escritas sucedem as faladas<sup>25</sup>. Porém, com a dinâmica do mundo, as revoluções foram sendo apresentadas, e a escrita surgiu como mais uma possibilidade.

O texto, enquanto materialização da questão escrita, tem as suas variações num sistema complexo e formador, da poesia e dos poemas, até as literaturas de referências para cada área. O que se verifica, é que a cultura letrada é produzida a partir do cotidiano, mesmo sendo ela uma formação dos “clássicos” que são tomados assim, por ocuparem parte importante do imaginário social.

Todavia, fica possível observar uma construção na questão da produção, fazendo com que se venha a pensar na disputa da distribuição do discurso e de sua formação clara e coesa. Por muito tempo, a escrita foi um lugar de privilégios e de privilegiados, agente de exclusão e distinção sociocultural. Dessa forma, reforçou o quadro de distanciamento em termos de classes sociais. Porém, é perceptível como a mesma pode e deve ser utilizada com uma função diferente, como

---

<sup>23</sup> Deixamos claro que, tal visão foi mais implantada com o positivismo, e que hoje, problematiza, sem restrição ou exclusão, com outros métodos e opiniões possíveis na construção de uma narrativa histórico-filosófica. A oralidade, a imagem, as artes também são “registros”

<sup>24</sup> Para leituras complementares sobre tais conceitos, se deve observar as obras de Carlos Ginzburg. Bons exemplos são: *O queijo e os vermes* (2006) ou *Mitos, emblemas e sinais* (1989).

<sup>25</sup> Não numa questão hierárquica ou de evolucionismo, mas de progresso nas diversas maneiras de registro.

válvula de escape, e até mesmo, de contestação. Fora a questão de todas as outras formas de escrita desenvolvidas ao longo do tempo e, principalmente, das “novas” formas (tecnológicas), promovidas pelas mutações sofridas na história presente.

De toda forma, o crucial nessa primeira ação/exercício, é não apenas compreender a importância da escrita para os “registros” das ações dos homens, mas, também, o seu significado enquanto instituição e, principalmente, que se possa pensar em tais ações como uma operação cultural.

O objeto fundamental de uma história que se propõe reconhecer a maneira como os atores sociais dão sentido a suas práticas e a seus enunciados se situa, portanto, na tensão entre, por um lado, as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, por outro, as restrições e as convenções que limitam – de maneira mais ou menos clara conforme a posição que ocupam nas relações de dominação – o que lhes é possível pensar, dizer e fazer (CHARTIER, 2010, p. 49).

Se reconhece, com muita necessidade que, tais amarrações do que pode ser uma leitura, e principalmente, em uma interpretação, como a mesma trabalha com as diferentes representações as quais leva o homem a pensar na importância dessa relação do “registro” e das suas aplicações. Em suma, acredita-se que no circuito de uma comunicação iniciada com a *palavra viva* (história oral), a sua transição serve para se entender as palavras escritas, e de como estas tem uma recepção/produção na vida dos sujeitos que as usam.

Isto, nesse primeiro panorama sobre a escrita, sua importância e algumas potencialidades, veremos como escrever é a ação materializadora. As formas de materialização são diversas como já referidas anteriormente, e por isso, vale mais uma vez, ressaltar a utilização da literatura como meio. A obra *Revolução dos bichos*, é uma “produção” implicante dos debates do seu tempo, mas, que mesmo assim, consegue levantar séria e relevantes indagações, que são presentes em tempos variados, e que por isso, é tratada aqui também. As obras orwellianas, já apresentadas anteriormente evidenciam a disputa relacionada entre o poder e as suas implicações e reforçam a capacidade que a literatura tem de tratar do aguçar das problemáticas do seu tempo.

Produzidas em uma ordem específica, as obras fogem delas e adquirem existência ao receber as significações que seus diferentes públicos lhe atribuem, às vezes em muito longa duração. Portanto, o que se tem de pensar é a articulação paradoxal entre uma *diferença* – aquela pela qual todas as sociedades, com modalidades variáveis, separam um âmbito concreto de produções textuais de experiências coletivas ou de prazeres estéticos – e *dependências* – as que inscrevem a invenção literária ou intelectual nos discursos e nas práticas do mundo social, tornando-a possível e inteligível (CHARTIER, 2010, p. 42,43).

É um exercício de ofício perceber como esses “registros” mudaram, e hoje, acrescentam muito mais na formação crítica. Afinal de contas, hoje, com as variadas possibilidades

de “leitura de mundo”, e das produções sobre o mesmo é possível ainda mais questionamentos. Por isso, “a humanidade torna-se o sujeito de si mesma ao se dizer” (RICOEUR, 2010, p. 361). Falar de “si” e das intrigas que nos rodeiam, levantam os debates que por muito tempo, tinha como autossuficientes os “registros” oficiais e autolegitimadores. Nesse caso, se for possível pensar em um exercício para tentar aproximar e entender esse movimento “legítimo”, “real”, “verdadeiro”, será possível começar propondo o exame de um documentário.

Pois, é normal associar a ideia de verossimilhança com a “realidade”, e com um documentário, já que, ele tem uma importante associação direta com tal ideia. Mas, quando se propõe tal ação, a um filme de “ficção”, não se observa a necessidade, causando assim, uma diferenciação entre o real e o ficcional. Assim, chega-se a mais um debate sobre os registros e produções humanas, a distinção do real e do ficcional. Esse tipo de pensamento de diferenciação do real e do ficcional, é bastante aplicado quando se trata de livros literários. Tais constatações surgem principalmente, com relação ao *real*.

E isso, advém, não apenas das questões terem acontecido ou não, e nem somente, das formas de como esse acontecido foi contato ou apontado, mas, porque tal episódio já foi observado e agora passa a existir na memória, seja ela oral, fotográfica ou, no caso atual, a escrita. Tem-se então criado, no imaginário social, uma relação “legítima” com o real e o passado. Para tanto, se vai além do registro, do que pode ser considerado “verdadeiro” e do atestado como tal, existetodo um sistema de cruzamento do que *já foi ocorrido* e do que *está sendo ocorrido no atual*. Tramas amarradas em narrativas que o estudioso, historiador, filósofo, o cientista social ou interessado pelo assunto, começam a perceber e tende a questionar.

O pretendido então, com tal exemplificação, é construir uma argumentação possível de associação com o que a literatura e os livros “não históricos” produzem também. É possível perceber as semelhanças em produções de ficção? Sim, e tal sugestão, já foi amplamente trabalhada no mundo acadêmico. Porém, o primordial aqui também é analisar os livros, bem como outros meios, como “entendimento” do mundo e de suas representatividades. Desse modo, o livro produz uma relação de mudança nas perspectivas de olhar e de formação do indivíduo como um leitor ativo e dinâmico. É o que Ricoeur chama de *círculo virtuoso*.<sup>26</sup> Utilizando-se de suas palavras, se tem:

A função de representância ou de locotenência tem seu paralelo na função da ficção, que pode ser dita indivisamente *relevante* e *transformante* no tocante à prática cotidiana; relevante, no sentido de que explicita aspectos dissimulados, mas já desenhados no âmago de nossa experiência práxica; transformante, no sentido de que uma vida assim examinada é uma vida mudada, uma vida outra (RICOEUR, 2010, p. 268).

<sup>26</sup> Defende-se, que um texto não é, e nem pode ser apenas uma “narrativa” de palavras mortas. A produção, distribuição e a leitura feita por outro sujeito devem proporcionar ao mesmo, uma mudança de “sentido” em sua existência, e assim, produzir “melhorias” em sua vida. Assim, o texto escrito ao ser lido e “interpretado” produz mudanças.

Assim, é possível observar o alinhamento das informações e das construções compartilhadas nos diversos campos do conhecimento e das narrativas presentes. Logo, nota-se como é importante a dinâmica de releituras e novos a aquisição de novos conhecimentos, para que eles possam ser atrelados com aqueles que já se tem. Portanto, pensar na estrutura escrita e no texto também se torna uma questão de necessidade para criar esse sistema cruzante<sup>27</sup>. À vista disso, em síntese: O texto é uma forma inteligível de organização humana e tornou-se “referencia” quando se trata do desejo do registro. Pode-se dizer também que, em relação a tal desejo, o texto confere materialidade para as ideias.

Entretanto, essa problemática da relação, e principalmente, da ação modificadora que ocorre no indivíduo será tratada posteriormente, por hora fica-se com a vinculação sobre o texto e a sua relevância para o contexto abordado. O texto escrito delimita-se, posto uma vez no “papel” ele acaba por encerrar-se naquele momento, enquanto a materialidade é aquilo, e nada mais. Essa é uma das grandes disputas a cerca desse tipo de conhecimento, desta forma, tais especificidades acarretam em mais debates como o proposto a seguir. Se por um lado é sabido da intencionalidade posta em uma obra (nada é por acaso), em que pese a distância existente entre a própria obra e suas múltiplas possibilidades de apropriação, tornando realidade a posse de um debate.

Por outro lado, é viável notar a relação constituída a partir da interpretação do texto e de sua capacidade de uma “nova vida”. Logo, o texto antes baseado apenas em “palavras mortas”, presencia uma possibilidade de “reviver” com as novas interpretações e utilizações, de acordo com a visão de cada um. “Pela mediação do texto, através de sua leitura e de seu trabalho de interpretação, pelo entendimento do texto, o leitor compreenderá melhor a si mesmo e ao mundo em que vive. Da interpretação do texto o leitor receberá, ao final de tudo, uma compreensão alargada de si mesmo” (GENTIL, 2015, p. 16).

Mesmo assim, é quase natural se aceitar muito mais que a história dos livros e da escola como mais concreta, retomando a linha argumentativa deste trabalho de pesquisa, o que se pretende, é mesmo demonstrar a real convergência das duas áreas (história e ficção), antes distanciadas por questão de “ser ou não ser”, mas, agora já minimamente estabelecida, pode-se perceber que essa relação de proximidade existente entre as mesmas, já é uma realidade. Afinal de contas, pode-se elencar um fio condutor muito importante e presente nas duas: A leitura, mas, a leitura “compartilhada”, pois, uma termina por valer-se da outra.

Nesse sentido, as análises do *entrecruzamento* da história e da ficção que vamos esboçar remetem a uma teoria ampliada da recepção, da qual o ato de leitura é o momento fenomenológico. É nessa teoria ampliada da leitura que se dá a inversão, da divergência

---

<sup>27</sup> Momento de aproximação tanto da construção do texto, quanto no movimento para a formação do sentido na realidade.

para a convergência, entre a narrativa histórica e a narrativa de ficção (RICOEUR, 2010, p. 311).

Fala-se neste momento sobre a História e a ficção, assim apreciada, permitem o *entrecruzamento*<sup>28</sup>, proporcionando, dessa forma, uma relação de utilização entre as suas características mais enriquecedoras. E qual seria então o procedimento ou o método para começar a *práxis* de desvendar essa possível “hierarquização” e/ou “afastamento das mesmas”? Como foi tratado primeiramente, há uma concepção sobre o “real” e de como, é necessário legitimar o mesmo retirando dele todo o lado fantasioso, ou seja, a (imaginação) responsável, segundo essa concepção, por levar o entendimento à falsificações e “mentiras”. Porém, não é essencial fazer tais separações tão absolutas assim.

O que se busca é analisar que mesmo diante de duas “formas diferentes” de pensar o tempo, o homem, a sociedade e as suas reais produções, podem sim carregar um elo, que aqui apresenta-se como uma *imaginação*. Chega-se à um momento basilar das discussões. Se a reflexão é construída a partir do *tempo*, da *representação e da interpretação*, pois, é necessário então, também falar sobre o conceito que acaba por “compilar” tais perspectivas: a *imaginação*. Os acontecimentos, o “fazer” e o “pensar” partindo do texto trazem uma reflexão comum em geral. Se já se está pensando como as pessoas são afetados por textos e por meios das interpretações, e como não pensar sobre os mesmos.

Porém, antes disso, há uma variação, que seria o *tempo*, e m suma, acaba-se por ser trazida à tona quando se fala das questões de periodização, o tempo seria então, mais um elemento na construção histórica. A imaginação tem uma participação bastante ativa ao tratar das questões de acesso ao que é caracterizado por *lembranças e vestígios*. “É evidentemente no fenômeno do vestígio que culmina o caráter *imaginário* dos conectores que marcam a instauração do tempo histórico” (RICOEUR, 2010, p. 315).

A *imaginação* tem um indicativo muito importante na formação tanto individual quando coletiva. E, é nessa intercessão tanto entre o que cada um traz consigo e o que pode ser dividido entre o coletivo reforça tal ligação. “É sempre por meio de alguma transferência do Mesmo para o Outro, em simpatia e em imaginação, que o Outro estranho se torna próximo” (RICOEUR, 2010, p. 316). Assim trazendo não só a problemática de como pensar na “formação” do tempo histórico, mas também, como esse mesmo é levado a fazer com que o sujeito possa conectar-se com o outro. A leitura e o texto são assim, os mediadores desse primeiro contato estabelecido desde o momento em que se propõe a entender como essas narrativas começam a não apenas serem lidas, mas, sim interpretadas<sup>29</sup> e também como, conseqüentemente aplicadas.

---

<sup>28</sup> Termo retirado do livro: *Tempo e narrativa*, vol. 3.

<sup>29</sup> Seguindo uma linha guiada pela hermenêutica (técnica norteadora desta pesquisa), uma relação dialética no processo próprio da hermenêutica passa pela compreensão e pela explicação: Primeiro o indivíduo tem a observação feita a

Consequentemente, trata-se de um conjunto em elaboração saindo da questão do fechamento na ideia/imaginação do “outro” e trazendo com essa mediação a possibilidade de abertura do “novo mundo” exposto. Para Ricoeur: o *mundo* do texto marca a *abertura* do texto para seu “fora”, para seu “outro”, na medida em que, ele constitui relativamente à estrutura “interna” do texto uma intenção absolutamente original (RICOEUR, 2010, p. 269). Consequentemente, tal recurso tem por objetivo construir uma mudança no ser. O que se verifica é a percepção da relação constitutiva do texto, desde a sua feitura até à sua apreciação pelo leitor, passando pela mensagem recebida e, posteriormente, produzida pela leitura do indivíduo, não podendo esquecer da influência exercida sobre ele, como uma ação que o leitor também exerce sobre o texto.

Pensar numa história de rupturas e descontinuidades, essa relação de texto, registro, tempo, verdade, ficção trazem à tona como as produções humanas acarretam num olhar crítico e principalmente de identificação dos sujeitos e suas comunidades. “A especificidade da história, dentro das ciências humanas e sociais, é sua capacidade de distinguir e articular os diferentes tempos que se acham superpostos em cada momento histórico” (CHARTIER, 2010, p. 65).

### 3.2 O poder e a ação: dominação e ideologia

O seguinte tópico do texto pretende abordar uma das relações centrais do trabalho: Poder, é muito significativo como a ocupação de espaços e a sua aplicabilidade na vida, e também no campo intelectual norteou desde muito cedo as relações humanas. As guerras, os ideais, as identidades, os discursos são alguns exemplos desse campo de disputas. É sabido que a relação de dominação existente na História, se bem pensar, o homem esteve e está num constante processo de busca pelo controle e pelo poder. Tal exercício pode partir desde a relação com o fogo nos “primórdios”, depois com a relação com a terra, com os animais e entre si.

Em outras ciências, como as ciências naturais, chama-se de tal processo de “evolução do mais forte”, nas ditas ciências humanas pode-se observar um leque muito vasto sobre esses discursos. Desde um campo mais simbólico, um campo mais prático, ideológico e por seguinte. Como foi dito anteriormente é possível sim observar como tais disputas estão entranhadas na própria construção dos homens. Contudo, na continuidade da atividade aqui proposta, o que se faz atentar sobre a relação criada, a partir de um discurso (o da obra *Revolução dos bichos*), e discute-se um pouco sobre esse campo.

A obra que já vem sendo trabalhada e explanada, é como já se sabe. é um dos grandes marcos do sec. XX, porém vale ressaltar que, a mesma não teve a melhor aceitação entre os seus no início. Entretanto, antes de tudo, se faz necessário ficar atento a discursão da obra em si, pela

---

partir de uma pré-compreensão, das cargas de informação já trazidas com ele, e que podem ser reafirmadas ou sofrerem mudanças, assim dando início ao 2º momento, no qual, de posse das leituras e a interpretação ampliadas, avança possibilitando construir, não apenas um “novo mundo”, mas também um “novo si”.

necessidade de se fazer um momento de reflexão sobre os discursos e os seus desdobramentos. Partindo também de estudos relacionados as outras áreas, como a da própria linguagem, buscamos aprofundar um pouco mais sobre a própria relação da construção dos discursos, para além do já associado na relação do discurso, há uma construção ontológica sobre o mesmo. “Isso quer dizer que o discurso supõe um sistema significante, mas supõe também a relação deste sistema com a sua exterioridade já que a história não há sentido, ou seja, é a inscrição da história na língua que faz com que ele signifique” (ORLANDI, 1994, p. 53).

Esse modo de dar um sentido e um caminho para o texto, mas também, para quem, é querer receber, compreender e aplicar um modo de saber diferenciado. O modo de saber que envolve os estudos técnicos, o “atravessamento” do texto, o meio, a ordem o sujeito e as aplicações que ocorrem nesse sistema complexo e intrigante, faz com que o homem, retenha-se e aprenda com a linguagem ao longo do tempo, e querendo ou não, o discurso é a relação que advém com as ricas experiências e, principalmente, com as atuais disputas. “É o discurso que se pode apreender a relação entre linguagem e ideologia, tendo a noção de sujeito como mediadora: não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. O efeito ideológico elementar é o que institui o sujeito (sempre já – lá)” (ORLANDI, 1994, p. 54).

Portanto, a problemática do poder, pode sim está envolvida em outras áreas, mas, ao fim e ao cabo o discurso é o que possibilita esse tipo de ação. E por que o discurso e por que associar a Ideologia ao mesmo? Pensar em um sujeito ou em um coletivo afastado de suas vivências e dinâmicas, partindo de um conjunto de significantes e significados é o mesmo que esvaziar e afastar tanto o sujeito quanto o coletivo de uma construção social e imaginária, é deixar uma ação desguarnecida de sentido. “Mais do que isso, o discurso é definido como processo social cuja especificidade está em sua materialidade linguística. Há, pois, construção conjunta entre o social e o linguístico” (ORLANDI, 1994, p. 56).

O sujeito é assim, o “meio” para uma maior possibilidade desse adentrar do mundo das linguagens. E por ser guiado por crenças, pensamentos e sentimentos, será quase impossível visualizar tal sujeito sem um caminho a trilhar, sem uma ideologia a seguir. O discurso existe pela materialização da ideia do “outro”, esse mesmo por ser diferente será responsável por uma interpretação. Não é possível assegurar que o discurso tomara o sentido pensado por seu produtor e, principalmente, que as ideias sejam as mesmas, mas é necessário para uma construção “racional”, ideológica e social partindo tal materialização. Parte-se de algum lugar, e até esse ponto de partida já tem uma essência. “A ideologia é vista como o imaginário que medeia a relação do sujeito com suas condições de existência. No discurso, o mundo é apreendido, trabalhado pela linguagem e cabe ao analista procurar apreender a construção discursiva dos referentes” (ORLANDI, 1994, p. 56).

Todavia, aí está, não só a importância de um compreender do discurso e de suas aplicações futuras, mas também, o contrapondo de como a interpretação tem papel fundamental nesse movimento. Essa mesma, que será tratada mais adiante no terceiro capítulo desta monografia, comungando com a ideia de necessidade de compressão das partes em detrimento do todo. Corroborando com tal problemática, traz-se algumas questões do livro de Michel Foucault: *A ordem do discurso*, que ocupa um espaço muito importante quando se pensa nesta problemática. Tal livro é advindo de uma aula inaugural ministrada pelo filósofo no *College de France* no ano de 1970.

Naquele momento era apresentado pensamentos circulantes, assim como ocorre até hoje, no que tange a importância do discurso e as suas aplicabilidades – não é a intenção deste trabalho dissecar tal obra, mas, se pode fazer um exercício de reflexão sobre a mesma, tendo em vista a sua presença durante os estudos aplicados sobre os discursos – comungando com o que basicamente Michel Foucault, traz como debate, entende-se, que o discurso é uma instituição, e mais uma vez, o sujeito é o “meio” para o acesso desta. “Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível” (FOUCAULT, 1996, p. 5). Mesmo com uma posição em que o discurso seria de alguma forma independente, Foucault, não deixa de afirmar uma lógica e uma unificação na formação do mesmo.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 9).

Posto isto, a ação acompanhada de uma carga histórica, simbólica e cheia de sentidos reforça essa relação de empoderamento do discurso, mas principalmente, de uma forma de dominação e de disputa de poderes. De uma hegemonia recorrente durante a formação dos sujeitos, o discurso guia. Como foi alertado anteriormente, não se adentra mais do que o suficiente nos conceitos apresentados pelo filósofo por não ser a análise dessa obra o objetivo do trabalho. Mas, por uma questão metodológica é possível visualizar como norteadores da dessa: Os princípios de exclusão, do acontecimento, inversão, rarefação fazendo com que se possa observar todo um sistema/ ordem do discurso.

Existe o entendimento partindo do que seria o “exterior dos discursos”/método: o verdadeiro, o falso e a provocação inicial desse sistema. Perguntas e constatações observáveis de uma vontade de afirmação de um campo baseado em certezas e vai ter alguma validade. Da mesma forma, que é visível um pensamento dos princípios “interiores do discurso”/método: Partindo dos discursos fundamentais e os discursos criadores, trazendo assim, essa linha tênue existente na

própria produção desse campo que se fala agora. É interessante como tal campo percebeu-se como lugar de lutas e, principalmente, de poder.

Não seria mais tão viável a partir daquele momento ter uma visão de tal campo como neutro. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Fica assim, associada uma problemática a mais para com o discurso, existe assim, uma importância em entender a complexidade da formação do mesmo, com a percepção dessas questões continua-se a discussão do assunto: “a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente de regras” (FOUCAULT, 1996, p. 36).

O discurso é “disciplinado”. E dele parte proposições importantes para a sua própria existência. O discurso existe em suas “regras de convívio” e garante com o que o saber posto seja “testado” e assim, “superado” se o caso for, de forma dialética e necessária, pois o mesmo com as suas particularidades e com os seus métodos, porque o discurso é múltiplo e instigante. É então, visto como uma possibilidade de uma exposição sobre uma “sociedade dos discursos”, que seria o local onde sua formação é pensada e distribuída para com os pares. Uma coisa é de ampla necessidade de entendimento: “a própria formação do discurso é complexa, passa por vários locais e campos. O discurso se coloca como o facilitador para uma ação de mediar dessa ação. ‘O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascente diante de seus próprios olhos’” (FOUCAULT, 1996, p. 49).

Visivelmente tal obra ainda agrega em outros campos teóricos e metodológicos que possibilitam a interação do autor e do social, das interpretações e das “revitalizações” sofridas em um texto. Com toda certeza, a obra do filósofo francês Michel Foucault, consegue abarcar essas práticas, obviamente no decorrer da escrita deste trabalho mais possibilidades teóricas foram apresentadas, uma delas inclusive mais a frente tomara posição de destaque, Paul Ricoeur, outro filósofo francês, este mais ligado a hermenêutica e as linguagens contribui de forma importante para o debate do discurso, acrescentando os conceitos de “ideologia” e da “utopia”.

O livro que tem como título os conceitos citados anteriormente, produzido em uma passagem do filósofo pela Universidade de Chicago, e que passeia por vários teóricos desses campos, apresenta como tal pensamento agrega no trajeto do discurso e as suas problemáticas ao longo do tempo. Dividido em três (3) momentos, apresenta-se, assim mais esse teórico. O primeiro desses conceitos é a *distorção-dissimulação* em que ainda se observa todo um estudo a partir do que envolvia a questão do espírito humano. A tomada de consciência nesse momento é imprescindível na constituição da busca pelo sentido. Nesse momento a maior necessidade seria, a produção de um desconhecimento/distanciamento da construção material tanto individual, quanto a obra coletiva.

No segundo, tem-se a apresentação da *adaptação-legitimação* a qual consiste em obter o fenômeno da dominação. É o momento característico da legitimação da ação, [de certa forma], já estabelecido no estágio anterior. Com o distanciamento já tratado no conceito anterior, o que é possível observar nesse momento é um alinhamento, agora não, apenas no desconhecimento material, mas também, no espaço intelectual, que ocupara um espaço para as tomadas de decisões e de controle. Colocando em pauta a necessidade de um comando, o que, por muitas vezes, acaba por tornar-se repressivo e opressor. Tais exemplos, são bem ilustrados nas obras orwellianas.

Chegando ao terceiro momento, se tem a *integração*, no momento em que se pode ser identificado como áureo do sistema apresentado por apresentar a congruência das ideias expostas acima, e que passa, agora, a ocupar-se, não apenas do espaço por “desconhecimento” ou por “dominação e/ou opressão”, mas igualmente, por meio da construção do imaginário que desemboca prioritariamente na também formulação da consciência do homem.<sup>30</sup> Portanto, o discurso é um exercício de associação de saberes em diversas áreas, Portanto, continua-se essa tal ação aprofundando um pouco mais o diálogo com a análise do discurso, para que se possa buscar, cada vez mais, entender esse processo de identificação que está relacionada com a própria história e também com o meio em que se propaga: A língua.

Entendido o processo de determinação do sentido das palavras, expressões ou preposições de um discurso em relação ao processo sócio-histórico e às formas ideológicas a esse processo correspondentes – políticas, jurídicas, filosóficas, artísticas -, podemos compreender que um discurso é constituído/constitutivo nesse e desse processo: tanto o discurso (como um espaço das manifestações das formas ideológicas) é determinado pelo processo sócio-histórico, como exerce influência sobre ele (AMARAL, 1999, p. 31).

Entender, por exemplo, as prerrogativas da própria feitura do discurso possibilita, ainda mais informação, e principalmente, novos métodos e novas possibilidades de pensar nessa operação, já que o discurso está afiliado ao campo intelectual e da academia, se passa acreditar que é nesse espaço que ocorre a produção do mesmo. Se se pensa, que a partir de uma visão mais marxista do discurso e das suas aplicabilidades, o que pode-se observar é uma exposição que parte da associação entre um processo sócio-histórico. E esse processo expõe a relação de dois conceitos fundamentais para uma leitura dinâmica do próprio discurso, essas seriam: a produção e a reprodução.

Esses conceitos ajudam a alcançar uma consciência relacionada, em relação a real função de “determinar” os assuntos, as pautas, as ideias, e assim, por diante conseguir produzir as ações de “influencia”. O processo de construção do discurso tem muito a ver com a própria construção do sujeito que tanto é receptor, quanto enunciador dessas ideias que não se afastam da

<sup>30</sup> Um conteúdo (tabelas) foi produzido durante o projeto de iniciação científica da graduação partindo dessa referência teórica ricoeuriana, e será exposto em apêndice.

cultura, da economia, dos ritos e dos padrões apresentados na sociedade. Existe ainda, uma instância sobre a própria questão de “influência”, associada as questões ideológicas. Entretanto, entender a sua aplicabilidade no discurso da distância uma “ingenuidade”, afim da formação e do uso do discurso, a intencionalidade existe e deve-se ficar atento a mesma. “Diferentes ideias e preposições convivem e se confrontam em um determinado momento histórico da sociedade para a sua produção/reprodução (conservação e ou transformação das relações fundamentais da sociedade – relações sociais e econômicas)” (AMARAL, 1999, p. 35).

Sendo assim, compreender essas máximas ajudam a perceber a presença do discurso na própria formação do ser humano, afinal de contas, liga-se a palavra, a ideia e a ação, em um único contexto. “Entende-se, assim, que o sentido da palavra é constituído no seu encontro com a realidade efetiva, com as circunstâncias da situação social em que foi produzida” (AMARAL, 1999, p. 25). O discurso está associado a uma existência material, que é forjada no campo da realidade e do social, onde o próprio sujeito está posto, logo de imediato, essa mesma vem acompanhada de uma carga cultural, histórica e coletiva, produzem e aplicam novos sentidos, dando, assim novas importâncias para o contexto explorado. Enfim, é importante perceber como fica múltipla a leitura sobre os “discursos” e como tal assunto é amplo, e ganha a notoriedade no campo das ciências, e que por isso, se faz necessário a prática de uma leitura ampla.

### ***3.3 O processo de conscientização, a história que pode mudar vidas***

Para começar a pensar sobre as questões da narrativa e dos escritos, assuntos esses já trabalhados durante neste capítulo, aborda-se, assim, partindo de uma tríade a: A literatura como uma fonte fecunda para nós estudiosos, a filosofia traz esse teor de reflexão e a história. A última, como uma problemática há mais, de que nessa ciência, em sua utilidade prática a mesma acaba por apresentar como apenas um mero “relicário de eventos”. Não, não seria essa a função real da história nem nesse texto, muito menos, na vida prática. Como é sabido, por muito tempo, e talvez ainda hoje, a história não ocupa ou é aplicada como uma possibilidade de mudanças aplicáveis.

E sim, converge, nesse momento com as preocupações que estão por aparecer no meio da história de como, mesmo com todas os avanços, descobertas, estudos e produções. Vive-se em um momento no qual, mais do que nunca, a consciência histórica está longe de ser uma realidade dos contemporâneos. Destarte, observa-se desde o século XX, com o surgimento das renovações teóricas no campo da história, uma tentativa de percepção e identificação dos caminhos possíveis para uma mudança, ou uma melhor, para alternativas. Ora, foram apresentadas algumas, tais como, a divisão das três grandes escolas que “surgiram”: *Escola dos Annales*, *Historiografia norte-americana* e, por fim, a *historiografia inglesa*.

E dentre essa “crise” da “ciência da história”, pode-se observar uma retomada para com as questões dos sujeitos e da construção do “Mundo”, das leituras e da apropriação e da

representação dos mesmos. Foi possível notar com essas mudanças, aproximações em diversas áreas do conhecimento, e por isso, provavelmente se está aqui discutindo tal temática. O acirramento das mesmas, trouxe como uma contribuição, por exemplo, a fala do filósofo Paul Ricoeur, para com a história, ele surge como questões interessantes e metodológicas para esse repensar do “fazer histórico”.

O pensamento de Ricoeur esboça uma Teoria da História que toma o *Sujeito Capaz* como seu foco. Nesse sentido, haveria um contributo fundamental para a sua constituição que não se faria de outra forma a não ser pela mediação referencial que a História estabelece com a vida prática, com a orientação no agir temporal (SANTOS FILHO, 2017, p. 12).

Deste modo, observa-se, como a construção desse caminho de novas perspectivas trazem essa mudança para a própria utilidade da ciência história. O entrecruzamento ganha e dá mais força nas discussões dessa ciência tão importante, e é a via encontrada, para que essa forma de interagir e, principalmente, de incitar os paradigmas pensados anteriormente. Portanto, quando se propõe a pensar nesses limites um dia colocados, e futuramente pensar como ultrapassa-los, se está no trajeto para a materialização, enfim, para a serventia de uma “história viva” e cheia de sentidos numa edificação do próprio ser humano.

Logo, o que seguirá apresentado é a continuidade e também a reunião das novas informações e questões que apareceram a partir de obras incluídas e discutidas, sobre a função literária e a leitura feita pela história partindo dos estudos de Paul Ricoeur, e também das obras literárias de George Orwell. E é, partindo desse pressuposto de uma introdução de “história viva” e de como essa pode afetar a construção social, conjugando assim os pensamentos e a prática no campo da estruturação do “sujeito” e de seus frutos. É com a ideia de alinhamento dos mesmos que se busque uma “virada de chave”.

Ora, sendo o “fazer histórico” mutável no tempo, seu exercício pedagógico também o é. Eu diria que ensinar História é uma atividade submetida a duas transformações permanentes: do objeto em si e da ação pedagógica. O objeto em si (o “fazer histórico”) é transformado pelas mudanças sociais, pelas novas descobertas arqueológicas, pelos debates metodológico, pelo surgimento de novas documentações e por muitos outros motivos (KARNAL, 2013, p. 8-9).

Dessa maneira, pensar em propor tal ação nesse caminho pode, e é vista pela perspectiva de mudanças. Para então, perceber o movimento de alteração de paradigmas, que ao fim ao cabo afeta não apenas a “metodologia” da ciência da história. Por isso, quando se ordena uma visão com participios múltiplos, também se associa os mesmos a esse “novo olhar” para com a história, para com o seu “fazer”. Uma tomada de consciência perante a sua realidade e a suas ações faz com que não apenas o indivíduo aproxime-se de uma transformação própria, mas de

entrever a transformação no seu mundo. É por fim, tentar trazer o verdadeiro sentido ao colocado, mas não o sentido dos “outros”.

Se sabe que o exercício exposto nesse trabalho é tentar de alguma forma demonstrar da maneira mais efetiva como o meio de uma possibilidade de um “entrecruzamento” das ciências e dos seus conhecimentos para um caminho no novo processo de descoberta e de “consciência histórica”. Assim, se fará um exercício de retomar olhares já comentados anteriormente e pensar no que constitui esse “caminho”, a partir desse ponto adentra-se em mais uma questão das escritas de George Orwell, e como a mesma se agrega nessa ideia de uma escrita e uma “história viva”. George Orwell, defendia uma posição muito bem demarcada sobre as ações do seu tempo, e foi com sua participação num conflito armado (Guerra Civil Espanhola), que o mesmo teve a experiência da sua escrita no chão prática.

Um sujeito que tem na historiografia as condições de orientação temporal para a vida prática. Uma história que persegue um justo dever de memória apresentando uma elaboração da experiência do tempo, assim como as transformações: mudanças temporais e continuidades. Que permita a constituição de uma identidade orientada pela hermenêutica de condição histórica da vida concreta dos sujeitos (SANTOS FILHO, 2017, p. 50).

Orwell, já vinha a algum tempo criticando e observando as fraturas que a sociedade apresentava, e isso, pode de alguma forma trazer à tona, essa relação cruzada entre a literatura e a história como um sujeito denunciante, não apenas como um literato, mas também, como um indivíduo social com uma participação ativa. No entanto, quando o indivíduo participa e confronta-se com o processo, se entende o quão é afetado e afeta, a construção dessa “consciência histórica” e desse “fazer histórico” é o reflexo crítico, desse indivíduo para com a sua realidade.

Aborda-se a sumária questão, de que a experiência do vivido, isto é, do que, o indivíduo relaciona a sua convivência e ao seu dinamismo agregado, por exemplo, um horizonte ao processo que a historiografia, o uso e o ensino de história poderiam ter de alguma forma sobreposto em alguns aspectos esse tipo de relação. Logo, consegue-se estabelecer um fio condutor onde, partindo dessa utilização de obras literárias de George Orwell, e por uma feliz consciência no decorrer da mesma, atentou-se para o acesso da perspectiva do autor não apenas como um literato que trabalha com “ficção”, mas também, enquanto sujeito que teve a sua experiência de “sentir na pele” os acontecimentos do seu tempo. E assim, poder produzir e “interferir” na história.

Apresentando como mencionado anteriormente, uma obra do autor George Orwell, *homenagem à Catalunha*. A partir dela, pretende-se de forma mais direta apontar essa relação de “tomada de consciência”. Porém, antes toma-se um pouco de tempo falando sobre a obra. Orwell, teria se alistado para lutar nas fileiras contra a onda autoritária que estava se instaurando na Espanha. Lembre-se de que o século XX, foi marcado por essas tensões como essa. *Homenagem*

à *Catalunha*, pode ser classificada como o “caderno de anotações” de um soldado que nunca esqueceu que era escritor. Pode-se ainda considerar até quase como um “estudo de campo”.

Se antes, já pensava nessa relação de política e de poder, agora, ele estava presenciando e contribuindo diretamente para essa disputa. E por que então, tal dado seria interessante nesse momento? Desde o início do texto comentando, como o “sujeito” é importante e quando este enxerga-se no processo. Se de forma ativa ou passiva, tudo isso, influencia na maneira como ele encara a História e como a mesma reflete na sua existência. Trata-se da “utilidade da escrita da história, seu poder de orientação na constituição do sujeito e da sua práxis” (SANTOS FILHO, 2017, p. 23). E essa relação advém, da narrativa, do tempo e da escrita. E mais uma vez, consegue-se constatar essa forte presença da literatura (que traz essa questão), da escrita e de como a mesma contribui para a vida dos “sujeitos”.

É possível em determinadas as passagens, identificar esse processo que estamos levantando, o qual seria o culminar dessa construção do conhecimento aplicada na prática. Todavia, é importante salientar que no caso de George Orwell, essa “consciência histórica”, esse ato de refletir sobre a sua própria realidade parece ter surgido com o processo primeiramente de “consciência política” ou “consciência revolucionária”. Um exemplo estaria na passagem que remete à relação da escrita e a experiência a qual muda a construção do indivíduo, diz o autor: “O efeito que tudo isso teve em mim foi tornar mais real, mais autêntico, o meu desejo de ver o socialismo implantado” (ORWELL, 1986, p. 27).

Por conseguinte, pode-se notar como essa questão de viver as ações e de tirar desfecho, podem modificar como o sujeito lê a si mesmo e sua realidade. Consegue-se notar os processos de tomada de consciência e, no caso particular de Orwell, a particularidade do seu envolvimento com a questão política. Orwell, em um de seus melhores escritos, *Porque escrevo*, indica quatro motivos para que um escritor tome como ofício tal função, cita-se apenas a quarta que diz respeito, ao que se defende nesta pesquisa monográfica.

4. Propósito político – usando a palavra “político” no sentido mais vasto. Desejo de puxar o mundo numa dada direção, alterar as ideias das outras pessoas para o gênero de sociedade por que devem afinal lutar. Uma vez mais, nenhum livro é genuinamente livre de inclinação política. A opinião de que a arte não deve ter nada a ver com a política é, em si mesma, uma atitude política (ORWELL, 2004, p. 4).

Prontamente, pode-se questionar então, do porquê falar apenas desse autor, ou então, dessas minúcias da sua trajetória. Ora, segundo Santos Filho, partindo de uma leitura baseada no filósofo Paul Ricoeur, norte teórico desse estudo, é possível perceber que: “Em *Tempo e Narrativa* Ricoeur, desenvolve a questão da reconfiguração do tempo no sujeito-leitor abordando a recepção transformadora de sentido operante por aquele que lê o texto e a si mesmo diante da obra” (2017, p. 34).

Fez-me pela primeira vez totalmente consciente da existência de classes trabalhadoras, e o trabalho na Birmânia deu-me algum entendimento da natureza do imperialismo: mas estas experiências não foram suficientes para uma apurada orientação política. Depois veio Hitler, a Guerra Civil espanhola, etc. (ORWELL, 2004, p. 4).

Consequentemente, é possível notar a importância então, para o linear dessa escrita, o “exemplo real” dessa relação que forja a identidade do indivíduo. George Orwell é, ele o próprio diante da sua obra, um ótimo espelho dessa relação que passa pela necessidade e escolha do homem descobrir novos caminhos e a partir dele trilhar esse momento de identificação com o mundo, e automaticamente consigo mesmo. Obviamente, a intenção não é de criação de um “lugar sem críticas”, muito pelo contrário, talvez essa possibilidade é de criticar e de aproximação dos erros e dos acertos, ao mesmo tempo, de um homem que viveu no seu tempo, seja por fim, o maior motivo de estudar as suas obras.

Dessa forma, observa-se como a própria prática e a vivência nos campos de experiência trazem para esse sujeito a noção que se busca em relação aos direitos do homem. É evidente como o autor parte da questão política, não quer dizer, que todas necessariamente partiram desse viés, mas, é com tal “estopim” que consegue *enxergar-se* e *perceber-se*, enquanto participante da questão de *consciência histórica*. Porém, essa não é uma problemática “nova” ou desconhecida dos campos de estudo. Nesta monografia, por exemplo, já foi feita uma retomada sobre o assunto e de como a escrita, a memória, o reconhecimento do sujeito, a constituição da identidade conformam todo um “sistema” complexo, e que está sempre se renovando sobre as suas questões e as possibilidades de respostas.

Por fim, o advogado até agora, partindo das exposições durante o texto, é que esse “entrecruzar” de conhecimentos apresenta-se como abordagem possível numa “revitalização” do sujeito perante a História e as suas posses, dando mais vida e sentido para o porquê de um “fazer histórico”, e principalmente, o advento de tal ato: A “consciência histórica”. Anteriormente apresenta-se o conceito de *círculo virtuoso*<sup>31</sup>, e com a continuidade das leituras encontra-se um conceito que pode-se notar, não apenas uma semelhança, mas, um complemento sobre essa questão da leitura e da interpretação como meio de mudança na construção do sujeito.

Portanto, partindo do pressuposto da leitura e de sua importância chega-se em um momento em que se agrega e se tem mais um caminho para um conhecimento múltiplo. Segundo Santos Filho, que aborda a relação das linguagens, prioritariamente, a questão da escrita apresenta um conceito de “*giro linguístico*” e que reforça e complementa muito a leitura. Daí, porque a defesa da leitura a qual acaba por culminar na interpretação, e consequentemente, a sua passagem

---

<sup>31</sup> Se necessário, aqui página 56)

pela escrita. “Portanto, nos domínios da História, o giro linguístico é aplicado para qualificar uma profusão historiográfica que reitera o papel da linguagem na construção das identidades e do ‘real’, ou melhor, das realidades sociais” (SANTOS FILHO, 2017, p. 22).

Por isso, o sugerido é perceber e comungar essas produções de conhecimento em campos antes vistos como distintos, mas, que agora aproxima os olhares e cerca as capacidades existentes em um “fechamento de lacunas”, ou uma “superação”. Para um entendimento de “fazer histórico”, e de um processo de identificação da construção do mundo, do sujeito em seu mundo e dos “outros”.

Nesse sentido, no campo da historiografia, o giro linguístico envolve um deslocamento epistemológico da linguagem que passa a se apresentar enquanto esfera-fundamento do conhecimento. Isso significa que as condições de possibilidade do conhecimento histórico se encontram no cerne da linguagem (SANTOS FILHO, 2017, p. 23).

Assim, tem-se a aproximação de um campo em si, que mesmo já presente na própria constituição da escrita da história, agora é apresentada em um novo campo e com uma possibilidade de aprendizagem a mais para se “fazer o histórico”. Sendo assim, a linguagem mais uma vez, mostra-se de fundamental importância para o pensar da própria questão da sua origem até a interpretação. Se antes se tinha identificado um processo na própria construção da “consciência histórica” para o sujeito, a linguagem aparece como um possível meio de aprendizado, identificação e de forma de inteligente (discursão já proposta no primeiro capítulo), agora também, se depara com esse mesmo processo, mas para com a questão da interpretação partindo da hermenêutica, técnica aplicada neste trabalho.

A linguagem/escrita antecede a interpretação e ajuda na construção dessa “leitura de mundo” e por isso, entende-la passa a ser necessária nesse processo. Obviamente partindo desse pressuposto da hermenêutica de Paul Ricoeur, há então, um mundo, ou melhor, um fazer de mundo implicado em todas essas ações que compõem o texto. E esse “fazer”, se iniciou nesses moldes de trocas mútuas entre o texto e as suas apropriações, que não acaba no mesmo. A interpretação, torna/traz a ação para esse movimento, e é assim, que acontece então, esse processo dialético, levantando reais questões que são envolventes de novos discursos e fazendo com que tais movimentos acabem por torna-se acontecimentos. Como nesse momento trata-se da perspectiva partindo da obra literária de George Orwell, foi fundamental a leitura proposta pelo filósofo Paul Ricoeur, pensando na relação proposta sobre o uso da literatura no ambiente histórico que querendo ou não ainda tem as suas ressalvas.

Levando em conta que, ao executar a tarefa de seleção, ordenação, reconstrução e interpretação dos documentos, o historiógrafo manifesta uma nova visão de mundo, fazendo acontecer um processo de desagregação do que era considerado padrão, os

resultados de seu trabalho apresentarão, conseqüentemente, um novo paradigma. (BASTOS e HANNA, 2015, p. 203).

Dessa forma, é possível apresentar uma aproximação já bastante comentada até aqui: A utilização que a história faz da ficção, tentando trazer à tona a maneira como uma área acaba por tomar emprestados conceitos e alguns métodos já característicos da outra. Ao fim e ao cabo, acaba-se por perceber que tais “aquisições” possibilitam um enriquecimento muito válido, não apenas em questões estéticas do corpo do texto, mas também, nas questões de como tais assuntos podem ser tratados e expostos. E o mais instigante é como tal produção que por muito tempo foi colocada num patamar de valor histórico por estar associada das questões mais “científicas”.

E assim ligadas ao um “positivismo acadêmico”, começam, não apenas a aproximar-se e apropriar-se das técnicas, mais também de dar o devido valor e acréscimos ao que tais mudanças de aspectos proporcionaram na construção narrativa das obras. Fazendo emergir a possibilidade de que uma grande obra da historiografia e/ou filosófica seja tão prazerosa quanto a de um clássico literário. E para, além disso, mesmo com as utilizações das práticas literárias, as obras mais “científicas”, ainda ocupam o seu espaço de fala “legítimo”. Seria a *ilusão controlada*<sup>32</sup>, mesmo com a questão da crítica “necessária” para legitimação o autor propõe-se, assegurando-se dos riscos, adentrar mais profundamente nas suas produções.

Se sabe que se deve dá importância a questão da utilização da ficção para com a história potencializando a mesma. Um bom exemplo, são as próprias obras tratadas aqui, portanto, fica visível o senso crítico também presente na ficção. Por conseguinte, observa-se essa relação que vai além da interdisciplinaridade, e, nesse sentido, forja uma forma de “agir”, perante a realidade própria do sujeito e que o compreende uma história que não somente sua. Fica evidente como todo esse processo para uma *consciência histórica* não possui uma fórmula dada e perfeita, porém a busca pelos seus significados já é o início de um processo, mais do que nunca, necessário e útil para os tempos que se vive e outros que ainda estão por vir.

Sendo assim, a problemática apresentada traz à tona não apenas essas relações que propõe pensar como seria importante a aproximação das diversas áreas agregando um conhecimento para aproximar, dar sentido e produzir a reflexão para com os próprios sujeitos que a produzem. Nesse caso, o próximo passo para continuar nessa construção de pensamento se dará com o terceiro capítulo, aonde será reservado para um debate sobre os “métodos” e “as possibilidades”, no campo teórico e também nas literaturas aplicáveis para o forjamento de tal ação.

---

<sup>32</sup> Seria uma utilização partindo da relação da história e da ficção, mas de forma com que a mesma fosse o mais próximo possível do “real”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Tais questões nunca foram fáceis de lidar, aqui propôs-se revisões diversas sobre os campos da História e da historiografia que são caros, mas necessárias para o avanço no campo dos conhecimentos. Pensar nessa constituição de uma “consciência”, mais uma “consciência histórica”, é um caminho tortuoso e que não deve está limitado apenas a um saber, por isso, também, a questão de aproximação da Literatura e da Filosofia. Buscando mais uma vez aproximar a conceitos trabalhados nesse texto, as utilizações destes que foram trazidos de outros campos epistemológicos é a forma de validar como tal aproximação das humanidades que produzem “novos paradigmas” no espaço do conhecimento.

Segundo o próprio Paul Ricoeur partindo da representância – assunto já pautado anteriormente nesse texto – é possível então:

A palavra “representância” condensa em si todas as expectativas, todas as exigências e todas as aporias ligadas ao que também e chamado de intenção ou intencionalidade historiadora: designa a expectativa ligada ao conhecimento histórico das construções que constituem reconstruções do curso do passado dos acontecimentos (RICOEUR, 2007, p. 289).

Logo, esses recursos acabam por contribuir para com o processo de aproximações dos conhecimentos, e continuando na perspectiva ricoeuriana pensa-se a continuação de tal processo como: “O historiador não tem penas como contraponto mortos, para os quais ele constrói um tumulo escriturário; ele não se dedica apenas a ressuscitar viventes de outrora, que não existem mais, mas que existiram; ele se dedica a re-presentar ações e paixões” (RICOEUR, 2007, p. 397).

A teia de envolvimento tem a ver com essas possibilidades de visões problematizadoras, partindo de um campo que comunga com a necessidade de um despertar para a crença crítica, que comunga com os métodos e com as práticas longe da ortodoxia e agregando as narrativas para poder trazer uma construção desenvolvimentista do sujeito para com a história, trazendo o “si-mesmo” de representações no tempo para o mundo da ação. Tão pouco, fica apresentado assim, essa articulação existente entre a contribuição existente das teorias ricoeurianas com a historiografia, firmando essa alternativa para uma construção para as literaturas do campo da História, quanto para a possibilidade da pratica desses conhecimentos.

Afinal de contas, a busca por um caminho “diferente” para a construção dessa consciência histórica tem muito a ver com as defasagens apresentadas no ‘chão da prática’. Afinal de contas, pensa-se em todos esses processos no *fazer da História?*. Como foi dito, procurou-se alinhar vários métodos e formas para aproximar o sujeito dos acontecimentos que estão ao seu redor. Não é segredo que a alguns anos vive-se uma crise na educação brasileira, e que as matérias

das humanidades são constantemente atacadas. E isso, vem sendo reforçado por argumentos criminosos que apresentam argumentos contra uma educação crítica, e principalmente, contra uma formação de cidadão consciente e com possam ser questionadores. Colocar em xeque tanto a formação dos responsáveis por essa instrução, como a finalidade é o caminho encontrado por esses para justificar suas ações de desmonte do “pensar crítico”.

É uma disciplina que faz a mediação entre a história como disciplina acadêmica e o aprendizado histórico e a educação escolar. Assim, ela não tem nada a ver com o trabalho dos historiadores em sua própria disciplina. A didática da história serve como uma ferramenta que transporta conhecimento histórico dos recipientes cheios de pesquisa acadêmica para as cabeças vazias dos alunos (RÜSEN, 2006, p. 8).

Essa seria a visão mais vinculada, tanto por esses “atores” que buscam a desmobilização desse “pensar crítico”. Obviamente o exercício proposto neste trabalho concorda que o ensino da História, e essa busca por um ensino ainda mais problematizador, tem os seus desafios, mas, não se pode sucumbir aos pensamentos como esses. Pois, ao fim, ao cabo o esforço feito nesse percurso de aproximações demonstra uma outra possibilidade. Segundo o próprio Rüsen:

Essa opinião é extremamente enganosa. Ela falha em confrontar os problemas reais concernentes ao aprendizado e educação histórica e concernentes á relação entre dialética da história e pesquisa histórica. Além disso, ela limita ideologicamente a perspectiva dos historiadores em sua prática e nos princípios de sua disciplina. (RÜSEN,2006, p. 8).

Preza-se por um exame buscando entender as questões teóricas, assim como, as questões de abstrações presentes na literatura do campo da História conjuntamente com as contribuições do campo filosófico e literários. Para que no fim, se possa refletir sobre como todos esses esforços são importantes para a práxis. Para essa aplicabilidade no mundo real, como esse reconhecimento de identidades tanto de sujeito, como coletiva trará uma mudança na realidade apresentada. As ciências humanas, não podem nem devem mais serem guardadas como pequenos relicários ou monumentos, o homem produz, dele parte a leitura do mundo e as suas representações, e por isso, compreender esse mundo, o que pode vi a transformar a sua cabeça e os seus sentidos.

A escolha pela hermenêutica para guiar esse caminho foi, pois, como apresentado no trabalho: Uma alternativa de trazer a palavra a vida e fazer o indivíduo sentir que uma mudança pode ocorrer em sua própria existência. No livro escolhido para tal exame ‘*A Revolução dos Bichos*’, na edição trabalhada, existe um apêndice com algumas informações complementares. Informações essas relacionadas as suas participações em jornais e opiniões mais politicas partindo

das suas vivências anteriormente citadas nesse texto. Segundo Orwell: “Vivenciar tudo isso foi uma lição valiosa: ensinou-me como é fácil para a propaganda totalitária controlar a opinião de pessoas educadas em países democráticos” (ORWELL, 2007, p. 143).

Tentando deixar ainda mais claro, tal convicção, neste mesmo apêndice, existe um prefácio produzido por George Orwell, para uma edição Ucrainiana, para pessoas alojadas em um campo de concentração, o mesmo arcou com alguns custos e também com a não aceitação dos direitos autorais de tal edição. Orwell, a partir das transformações pessoal ocorrida por toda a sua experiência durante esses anos de “entreguerras” partilhou tudo isso com os demais, até mesmo, com os que não poderiam pagar. E isso, ocorreu pela construção crítica e consciente forjada pela sua caminhada, pela hermenêutica provada pelo sujeito que pegou narrativas pessoais e transformou em meios de mudança, a aproximação e fortalecimento das mesmas, por elas implicam com a função importante que cada uma exerce na construção social desses indivíduos.

E por fim, Orwell, em mais um de seus escritos depois do seu retorno da Guerra Civil Espanhola, disse:

Ao voltar da Espanha, pensei em denunciar o mito soviético numa história que fosse fácil de compreender por qualquer pessoa e fácil de traduzir para outras línguas. No entanto, os detalhes concretos da história só me ocorreriam depois, na época em que morava numa cidadezinha, no dia em que vi um menino de uns dez anos guiando por um caminho estreito um imenso cavalo de tiro que cobria de chicotadas cada vez que o animal tentava desviar. Percebi então que, se aqueles animais adquirissem consciência de sua orça, não teríamos o menor poder sobre eles, e que os animais são explorados pelos homens de modo muito semelhante á maneira como o proletariado é explorado pelos ricos (ORWELL, 2007, p. 145).

Esse exercício de tomada de consciência e de decisão mudaria de uma vez por todas, a vida desse escritor e jornalista, que por sua vez alcançou e mudou os sentidos de vários outros sujeitos ao longo do tempo. Orwell, viveu um ‘momento histórico’ e percebeu nessas entrecruzadas da escrita, da História e do ser a importância de estar e viver o mundo. Chegando nesse ponto da escrita o exercício de relembrar o percurso se faz necessário, a proposta desse trabalho de pesquisa, o qual tem muito a ver com a experiência, tanto individual quanto coletiva.

Individual, porque, partindo da escolha pelo tema (diga-se de passagem, que foi companheiro fiel durante toda a graduação), quanto coletiva, já que nunca se falou sozinho, falou-se com os pares, com o mundo e com os sujeitos. A proposta de interdisciplinaridade é amplamente discutida no campo das Humanidades, e isso, veio também dá novas possibilidades e novos significados no desenvolvimento do processo ensino aprendizagem, principalmente, naquilo que tange os trabalhos, que se apresentaram-se antes desse. Pensar em aproximar a Literatura, a História e a Filosofia foi o caminho escolhido e trilhado nessa produção de pesquisa.

Passear por campos diversos, demonstrar as relevantes informações e conceitos adquiridos com as leituras como: A expansão no campo ficcional, as relações produzidas pelo círculo virtuoso, novas possibilidades de leitura de mundo, aproximação de experiências históricas. Produzem o “resultado” esperado, a materialização desses estudos propostos, até aqui. Partir da necessidade do trabalho, da identificação de algumas questões que envolvem a relação do individual e coletiva, procurando, assim, contribuir para a Literatura e as suas explicitações, para que com o próprio processo de consciência histórica, as práticas e métodos nesse campo do conhecimento sejam realizados com total responsabilidade.

Ainda assim, consegue-se identificar mais processos responsáveis pela formação múltipla não apenas da existência do sujeito, mas de como esse sujeito pode agir menos passivamente e de como, o mesmo também precisa “enxergar-se” nessa existência e assim, “enxergar” e compreender a própria prática desse conhecimento. Fica evidenciado que mesmo produzindo-se muito e com qualidade, se o conhecimento não chega mais que apenas a aplicabilidade teórica, para fora dos muros da academia, o mesmo acaba não tendo “função, não trás impacto e, conseqüentemente, não é visto como útil. Trata-se de um ‘entrelaçamento’, de reunião de conhecimentos, buscando os processos necessários para tal exercício. Buscando esclarecer que o mesmo pode conseguir ser observado, entendido e significado, visando, claro, sempre uma aplicabilidade da sua significância.

Nesse sentido, a partir das reflexões mobilizadas pelos autores tratados buscou-se, não sanar dúvidas ou criar saídas definitivas, busca-se de verdade foi aproximar, ainda mais as problematizações, dando, assim, a real e necessária continuidade aos questionamentos. E com toda a vontade e de esforço foi o que se buscou, de alguma forma, contribuir para com os sujeitos. Enxergar um processo diferente, agora, após todas essas leituras, pode-se dizer que entender melhor, é uma boa saída, já que esse processo é mais complexo, do que se imagina. Porém, ainda se necessita se aprofundar. Se antes era a instituição do “discurso” e do poder, o que engrenava, acaba-se por perceber que as problemáticas são mais minuciosas, do que se possa imaginar ou esperar.

A linguagem, a narrativa, a escrita, o pessoal e o sujeito, todas essas características formam e forjam a multiplicidade deste indivíduo, que nada mais é, ao mesmo tempo, uno. “Olhando para trás, para o meu trabalho, vejo, invariavelmente, que quando não tive um propósito político escrevi livros sem vida e fui traído por passagens rosadas, frases sem significado, adjetivos decorativos e, em geral, tolices” (ORWELL, 2004, p. 7). Pensar no sentido, no agir buscando um norte, tira o homem da inércia de uma existência sem “motivo”. De certa forma, é o sentido que introduz a vontade e a crítica. Foram essas as “vontades” exprimidas durante toda essa jornada, e que tem como principal aprendizado, a aspiração de sempre questionar com a *historia vitae magistra*.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Maria Virginia Borges. Análise do discurso: língua, história e ideologia. In: *Leitura – Análise do discurso*, n. 23. p. 25-46, 1999. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/viewFile/7593/5315>. Acesso em: 23 de maio de 2020.
- AVELINO, Nildo. A constituição de si na experiência da revolução espanhola. *Verve*, 10: p., 183-203, 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/5439/3886> . Acesso em: 17 de mar. de 2020
- ARAUJO, Valdeí Lopes de. História da historiografia como analítica da historicidade. In: **Hist. historiogr.** Minas Gerais, Ouro Preto, n. 12. p. 34-44, ago. 2013. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/620> . Acesso em: 9 de outubro de 2020.
- BASTOS, Veras L. Harabagi e HANNA, Neusa Barbosa. Historiografia Linguística, História cultural, Estudos Culturais: desafios teórico-metodológico. In: **Confluência Revista Do Instituto de Língua Portuguesa**. n. 49, Rio de Janeiro. p. 201- 214, 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/289495891\\_Historiografia\\_Linguistica\\_Historia\\_Cultural\\_Estudos\\_Culturais\\_desafios\\_teorico-metodologicos](https://www.researchgate.net/publication/289495891_Historiografia_Linguistica_Historia_Cultural_Estudos_Culturais_desafios_teorico-metodologicos) . Acesso em: 28 Set. 2020
- BARROS, José D'Assunção. “História Cultural – um panorama teórico e historiográfico”. In: **Textos de História** (Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UNB), dezembro de 2003, volume 11, n.º.1/2. p. 145-171. Disponível em: <https://nupeh.webs.com/Historia%20Cultural.%20Textos%20de%20Historia,%20UNB.%202003.pdf> . Acesso em: 3 de ago. 2020
- BARROS, José D'Assunção. Os campos da História – uma introdução às especificidades da História. **Revista HISTEDBR** On-line, Campinas, n. 16, p. 17-35, dez. 2004. Disponível em: [https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4785/art3\\_16.pdf](https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4785/art3_16.pdf). Acesso em: 14 de jun. 2020.
- BARROS, José D'Assunção. Liberdade teórica – uma análise dos limites e tensões entre a criatividade teórica e as possibilidades de incoerência. **SABERES**, Natal RN, v. 1, n. 14, set. 2016, 202-237. Disponível em: <file:///C:/Users/Gabi/Downloads/9528-Texto%20do%20artigo-28842-1-10-20161001.pdf> . Acesso em: 13 de set. 2020.
- BEIJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sergio Paulo Rouanet e prefácio Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1 abr. 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601> . Acesso em: 17 de maio de 2020.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo, 2 ed. Lisboa: DIFEL, 2002.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução: Cristina Antunes. 2 ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010.
- COSTA, João Paulo P. A apropriação da vida: Roger Chartier e uma leitura do mundo. **Revista Outros Tempos: Dossiê História e Literatura, Maranhão, São Luís**, v. 8, n. 1, p. 1-14, 2011.

Disponível em : [file:///C:/Users/Gabi/Downloads/67-Texto%20do%20Artigo-225-1-10-20130221%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Gabi/Downloads/67-Texto%20do%20Artigo-225-1-10-20130221%20(1).pdf) . Acesso em: 12 jul. 2020.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato (org). **Aprendendo história:** reflexão e ensino. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2008.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico; as heterotopias.** Posfácio Daniel Defert; tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema.** Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio, 5 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

GENTIL, H. S. O que é interpretar? O mundo da ação e o mundo do texto. In: **Mente, Cérebro e Filosofia**, São Paulo: Edição 11, 2015, p. 16-25.

GINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e história.** Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOHN, Carlos. George Orwell e os desdobramentos literários de uma presença no front. In: **Olhares do mundo para a guerra civil.** 2009, jan. jun. n. 2, v.19. Aletria. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18284>. Acesso em: 6 de maio de 2020.

KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuições à semântica dos tempos históricos. Tradução: Wilma Patrícia Maas; Carlos Almeida Pereira. 3 Reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC- Rio, 2012.

JOBIM, José Luís. Senso comum, conceito e julgamento nos estudos literário. In: DAVID, Sérgio Nazar; FURTADO, Maria Tereza; SALES, Germana Maria Araújo (Orgs.). **Interpretação do texto, leitura do contexto.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

LEITE, Paulo Victor Arouche Costa. **“Abaixo o Grande Irmão”:** sociedade disciplinar, modernidade e totalitarismo em 1984 de George Orwell. (Monografia) São Luís, 2016.

LEVY, David. Narrativa. **Mente, cérebro e filosofia.** São Paulo: Edição 11, 2015, p. 51-57

MARTIN, Ivan Rodrigues. **Locus e ecos da ética libertária:** a novela ideal e a propaganda anarquista espanhola. (Tese de Doutorado) São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

MENDES, Breno. Paul Ricoeur e a narrativa historiográfica: para além do debate epistemológico, a dimensão ética. In: GARCIA, Fernando Gomes; MENDES, Breno; VIEIRA, Andréa. (Orgs). **Teoria da história em debate:** modernidade, narrativa, interdisciplinaridade. Jundiaí, Paco Editorial: 2014.

NAZARIO, Luiz. Os imaginários da Guerra Civil Espanhola. **Aletria**, 2009, jan-jun. n 2, v. 19. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1473> . Acesso em: 2 de abril de 2020.

NICOLAZZI, Fernando. **De Ricoeur a Chartier:** Os historiadores: clássicos da história, Vol. 3. Mauricio Parada (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes: PUC- Rio, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994. Disponível em: [file:///C:/Users/Gabi/Downloads/2250-Texto%20do%20artigo-2220-1-10-20190822%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Gabi/Downloads/2250-Texto%20do%20artigo-2220-1-10-20190822%20(1).pdf) . Acesso em: 16 de jun. de 2020.

- ORWELL, George. **A revolução dos bichos**: um conto de fadas. Tradução Heitor Ferreira; posfácio de Christopher Hitchens. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ORWELL, George. “**Why I Write**” in **Orwell, G., Why I Write**. Tradução Eduardo Castro. Inglaterra: Penguin, 2004. p. 1-10.
- ORWELL, George. **Como morreram os pobres e outros ensaios**. Tradução Pedro Maia Soares; Prefácio de Lionel Trilling. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ORWELL, George. **Homenagem à Catalunha**. Tradução Fernanda Pinto Rodrigues. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1986.
- ORWELL, George. **Na pior em Paris e em Londres**. Tradução Branca Teles da Silva. Rio de Janeiro: Itatiaia, 2005.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.
- POMINI, Igor Pasquini. **Revolução Espanhola: uma análise dos processos autogestionários (1936-1939)**. (Dissertação de Mestrado) Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2013.
- RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In: **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 2, p. 07-16. jul/dez. 2006. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br//index.php/praxiseducativa/article/view/279> . Acesso em: 7 de nov. 2020
- ROCHA, Elaine Pereira. Textos e contextos: o longo e complexo relacionamento entre história e literatura. In: **Revista Outros Tempos**: Dossiê História e Literatura, Maranhão, São Luís, v. 8, n. 1, p. 39-58, 2011. Disponível em: [https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros\\_tempos\\_uema/article/view/81](https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/81). Acesso em: 13 de jan. 2020.
- RICOEUR, Paul. **A ideologia e a utopia**. Tradução Sílvio Rosa Filho e Thiago Martins. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da INICAMP, 2007.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução Claudia Berliner e revisão da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- RICOEUR, Paul. **História e verdade**. Tradução F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968.
- SANTOS FILHO, Evangelista dos. **Teoria, história e historiografia**: a contribuição de Paul Ricoeur à História no final do século XX. Monografia do curso de História. Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2017.
- SANTOS, Maria Cristina Ferreira dos. A Guerra Civil Espanhola narrada pelos vencidos: George Orwell e soldados voluntários brasileiros. **História Unicamp**, v. 4, n. 7. jan-jun. 2017. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/861>. Acesso em: 11 de jul. 2020.
- SICHIROLLO, Livio. **Dialética**. Tradução Lemos Azevedo. Lisboa: Editora Presença, 1980.
- SILVA, Matheus Cardoso da. **O último homem da Europa**: a luta pela memória no universo não ficcional da obra de George Orwell, 1937-1949. (Dissertação de mestrado) São Paulo: Universidade de São Paulo, USP, 2010.
- SILVA, Régia Agostinho da; BACCEGA, Marcus Vinícius (Org.). **Letras e veredas da história**: diálogos e convergências. São Luís: Café & Lápis; Edufma, 2018.
- WEIL, Eric. **Lógica da filosofia**. Tradução Lana Christina de Malimpensa. São Paulo: É Realizações. 2012.

## APÊNDICES

|   |
|---|
| <i><b>Livro: Revolução dos Bichos</b></i>   |
| <b>1° - Distorção / Dissimulação</b>  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Correra, durante o dia, o boato de que o velho Major, um porco que já fora premiado numa exposição, tivera um sonho muito estranho na noite anterior e desejava contá-lo aos outros animais” (p. 09).</li> <li>• “Mais hoje, mais amanhã,</li> <li>• O Tirano vem ao chão, E os campos da Inglaterra</li> <li>• Só os bichos pisarão” (p. 16). *****</li> <li>• “As palavras do Major haviam dado uma perspectiva de vida inteiramente nova aos animais de maior inteligência da granja” (p. 18).</li> </ul>  |
| <b>2° - Adaptação / Legitimação</b>   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• “O homem é a única criatura que consome sem produzir. Não dá leite, não põe ovos, é fraco demais para puxar o arado, não corre o que dê para pegar uma lebre. Mesmo assim, é o senhor de todos os animais” (p. 12).</li> <li>• “Esses três haviam organizado os ensinamentos do Major num sistema de pensamentos a que deram o nome de Animalismo” (p. 19).</li> <li>• “Essa era a bandeira que subia ao topo do mastro no pátio da casa todos os domingos pela manhã. O verde da bandeira, explicava Bola-de-Neve, representava os verdes campos da Inglaterra, ao passo que o chico e o casco simbolizavam a futura República dos Bichos, cuja advento teria lugar no dia em que o gênero humano, enfim, desaparecesse” (p. 30).</li> <li>• “Jones voltaria! Sim, Jones voltaria! Com toda a certeza camaradas” (p. 34).</li> <li>• “Todos os dias, Bola-de-Neve e Napoleão enviaram formações de pombos com instruções de misturarem-se aos animais das granjas vizinhas, conta-lhes a história da Rebelião e ensina-lhes a melodia de “Bichos da Inglaterra” (p. 35).</li> <li>• “Ao pé do túmulo, Bola-de-Neve fez um pequeno discurso, pondo em relevo a necessidade de todos os animais estarem prontos para morrer pela Granja dos Bichos, se necessário” (p. 40).</li> <li>• “Ele foi valente na Batalha do Estábulo”, disse alguém. “Valentia não basta”, respondeu Garganta. “A lealdade e a obediência são mais importantes” (p. 49).</li> <li>• “Lembrem-se, camaradas, não deve haver mudanças em nossos planos: serão cumpridos à risca. Para frente, camaradas! Viva o moinho de Vento! Viva a Granja dos Bichos!” (p. 61).</li> <li>• “Ah, aí é diferente!”, respondeu Sansão. “Se o camarada Napoleão diz, deve ter razão” (p. 69).</li> <li>• “Amigo dos orfãozinhos!<br/>Fonte da felicidade!<br/>Senhor do balde de lavagem! Oh, minh“alma arde<br/>Em fogo quando te vejo</li> </ul> |

Assim, calmo e soberano,  
 Como o sol na imensidão  
 Camarada Napoleão” (p. 77). \*\*\*\*\*

- “Haviam mais canções, mais discursos, mais desfiles” (p. 92).
- “A conversa passava a girar em torno dos históricos dias da antanho, da expulsão de Jones, da inscrição dos Sete Mandamentos, das grandes batalhas em que os invasores humanos haviam sido derrotados” (p. 104)
- “Nenhuma criatura dentre eles andava sobre duas patas. Nenhuma criatura era “dona” da outra. Todos os animais eram iguais” (p. 104).

### 3° - Integração

- “Que haja entre nós, animais, uma perfeita unidade, uma perfeita camaradagem na luta. Todos os homens são inimigos, todos os animais são camaradas” (p. 14).
- “O moinho de vento era, na verdade, criação do próprio Napoleão” (p. 50).
- “Todo aquele ano, os bichos trabalharam feito escravos. Mas trabalhavam felizes; não mediam esforço ou sacrifício, cientes de que tudo quanto fizessem reverteria em benefício deles próprios e dos de sua espécie, que estavam por vir, e não em proveito de um bando de seres humanos preguiçosos e aproveitadores” (p. 52).
- “Tornara-se comum das a Napoleão crédito por todos os êxitos e todos os golpes de sorte” (p. 77).
- “A vida ia dura. O inverno foi tão frio quanto o anterior, e a quantidade de alimentos, ainda menor. Novamente reduziram-se todas as raças, exceto as dos porcos e dos cachorros” (p. 90).
- “Napoleão denunciara tais ideias como contrárias aos princípios do Animalismo” (p. 102).
- “Mais ainda, jamais lhes faltava, nem um instante, o sentimento de honra pelo privilégio de serem membros da Granja dos Bichos, que continuava a ser a única em todo o condado – de propriedade dos animais e por eles administradas” (p. 104).

